UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Ellen D'Oliveira Santos

Adora, as pontas soltas do patriarcado e outros fenômenos de se tornar o sujeito do feminismo

Rio de Janeiro
2021

Ellen D’Oliveira Santos

Adora, as pontas soltas do patriarcado e outros fenômenos de se tornar o sujeito do feminismo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Marcia Moraes

Rio de Janeiro

2021

ELLEN D'OLIVEIRA SANTOS

Adora, as pontas soltas do patriarcado e outros fenômenos de se tornar o sujeito do feminismo

Dissertação apresentada ao Curso ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Federal Fluminense para a obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br
MARCIA OLIVEIRA MORAES
Data: 16/05/2022 18:17:52-0300
Verifique em https://verificador.iti.br

Profª. Drª. Marcia Oliveria Moraes (UFF) – orientadora

Documento assinado digitalmente
gov.br
MARIANA DE CASTRO MOREIRA
Data: 06/05/2022 14:56:45-0300
Verifique em https://verificador.iti.br

Profª. Drª. Mariana de Castro Moreira (UFF)

Profª. Drª. Cristiane Moreira da Silva (UCP)

Profª. Drª. Marília Silveira (UFAL)

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S237a Santos, Ellen D'Oliveira
Adora, as pontas soltas do patriarcado e outros fenômenos de se tornar o sujeito do feminismo / Ellen D'Oliveira Santos ; Marcia de Oliveira Moraes, orientador. Niterói, 2021.
67 f.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

DOI: http://dx.doi.org/10.22409/PPGP.2021.m.06093334708

1. Feminismo. 2. Academicismo. 3. Narrativa. 4. Teoria ator rede. 5. Produção intelectual. I. Moraes, Marcia de Oliveira, orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD -

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368


ADORA
AS PONTAS SOLTAS DO PATRIARCADO
E OUTROS FENÔMENOS DE SE TORNAR
O SUJEITO DO FEMINISMO
ELLEN D'OLIVEIRA



AS PONTAS SOLTAS DO PATRIARCADO
E OUTROS FENÔMENOS DE SE TORNAR
O SUJEITO DO FEMINISMO

Para a minha irmã, Beatriz D'Oliveira, que escreveu a primeira fanfic que eu fui fã, que sempre me incentivou a escrever e com quem eu já passei incontáveis horas criando todo tipo de história;

Para a minha mãe, Dilcimar D'Oliveira, que leu "Polyana" em voz alta comigo quando eu tinha apenas 11 anos, despertando para sempre meu amor por livros e por histórias;

Para o meu pai, Celso Santos, que apoia os meus estudos e possibilita que eu siga trilhando esse caminho;

Para a minha cunhada, Manu Rodrigues, que está sempre disposta a imaginar os cenários mais sensacionais comigo e a acolher toda história maluca que tenho para contar;

Para as mulheres da minha família, que me são fonte de força e inspiração, e sem as quais as perguntas que guiaram a minha pesquisa jamais teriam sido feitas;

Para a minha orientadora, Marcia Moraes, que acreditou em mim quando eu era uma desconhecida e me incentivou enquanto eu tentava descobrir um caminho novo de escrita;

Para a minha querida professora Mariana Moreira, que apostou em mim quando eu mais precisava de uma aposta e que continuou segurando a minha mão quando eu decidi inventar história;

Para a professora e integrante desta banca, Marília Silveira, que me inspirou com sua pesquisa, com suas palavras afetuosas e com as interpelações que me fez de forma cuidadosa ao longo dessa pesquisa;

Para a professora e integrante desta banca, Cristiane Moreira, que foi corajosa de topar comigo essa aventura sem nem me conhecer, e cujas colocações abriram novos horizontes nesta pesquisa;

Para a minha querida amiga, Lucila Lima, que leu todas a versões possíveis e imagináveis deste e de todos os meus outros textos, e de quem partiu a inspiração para essa escrita;

Para todas as minhas amigas e mulheres da minha vida, que sempre me incentivam e cuidam de mim nos meus momentos de maior vulnerabilidade;

Esse texto vem ao mundo como fruto de tudo que vocês inspiraram em mim e de tudo que aprendi na convivência com vocês. Muito obrigada.

RESUMO

Querida leitora, acho que a primeira coisa que você precisa saber sobre esse texto é que sim, ele é uma história. Essa é uma dissertação-narrativa que conta uma história protagonizada por humanos e não-humanos em seus movimentos de resistência e de transformação, de ruptura e reconexão. Essa é a história de Adora, dos deslocamentos que ela fez e os efeitos que isso produziu no mundo.

A gente começa a acompanhar a Adora em um momento da vida em que ela se mudou para a capital para iniciar os estudos na universidade. A partir desse momento, a vida inteira de Adora passa por uma transformação, principalmente porque a nossa protagonista começa a se inteirar e se engajar com as pautas dos movimentos sociais de gênero, raça, classe e deficiência. A partir disso, a garota começa a tecer novas conexões e enredamentos que permitem que ela ressignifique seus encontros e dê novos contornos para as suas experiências.

O texto surge a partir da questão de como se apropriar de uma subjetividade feminista e o que isso significa. Buscando explorar essa questão, Adora trilha um caminho que vai desde o academicismo ao PesquisarCOM, passando por conceitos feministas, entrevistas com mulheres e políticas públicas. O trabalho parte de epistemologias feministas junto com Beauvoir, hooks, Butler, Scott e Piedade. A narrativa é toda alinhavada a partir das proposições da Teoria Ator-Rede.

ABSTRACT

Dear reader, I think the first thing you need to know about this text is that, yes, it is a story. This is a narrative-dissertation that tells a story carried out by humans and non-humans in their movements of resistance and transformation, of rupture and reconnection. This is the story of Adora, the displacements she made and the effects it had on the world.

We start to follow Adora at a time in her life when she moved to the capital to start her studies at the university. From that moment on, Adora's entire life goes through a transformation, over all because our protagonist begins to learn about and engage with the agendas of the social movements of gender, race, class and disability. From this, the girl begins to weave new connections and entanglements that allow her to reframe her's encounters and give new outlines to her's experiences.

The text emerges from the question of how can one appropriate of a feminist subjectivity and what it means. To explore this issues, Adora takes a path that goes from academicism to PesquisarCOM, through feminist concepts, interviews with women and public policies. The work starts from feminist epistemologies along with Beauvoir, hooks, Butler, Scott and Piedade. The narrative is entirely stitched from the propositions of the Actor-Network Theory.

Sumário

1. Dia de Domingo ---------- 11

2. Vou te contar uma história ---------- 15

3. Garotas feministas ---------- 20

4. Eu sou uma garota feminista ---------- 45

5. PesquisarCOM amor ---------- 52

Referências bibliográficas ---------- 61

Anexo ---------- 64

I. Minidicionário de Internautês ---------- 64

II. Personagem principal ---------- 66

III. Questionário Semiestruturado ---------- 67

1. Domingo em família

Já passava das 10h da manhã quando Adora finalmente colocou os pés na cozinha da avó. O ambiente estava quente por causa do vapor que subia das panelas do fogão e da fumaça que exalava um cheiro maravilhoso vindo do forno. Mas, como se isso tudo não fosse o suficiente para esquentar uma cozinha, estavam ali reunidas dentro dela todas as tias, primas, mãe e avó de Adora, que falavam freneticamente ao mesmo tempo.

— Adora, vai prender o cabelo — ordenou sua Tia Su quase que imediatamente.

Adora deu um passo para trás, ficando no limite da cozinha com a sala enquanto prendia o cabelo que crescia em cachos volumosos.

— O que aconteceu com o seu cabelo? — perguntou Ângela, uma de suas primas mais velhas. Adora notou a desaprovação no tom de voz da mulher.

— Parei de alisar.

— Tá ridículo. Daqui a pouco tá com o cabelo igual ao da Jéssica.

Jéssica era a menina que morava no fim da rua e tinha mais ou menos a mesma idade de Adora. Jéssica também era a única menina negra que morava na rua. Os cabelos da menina eram cheios, com fios crespos da raíz às pontas - fios que nunca conheceram o alisamento.

— E qual o problema? O cabelo de Jéssica é lindo — disse Adora.

— Lindo? Credo, parece que tá sempre sujo. Parece que não vê um pente desde que saiu da barriga da mãe.

As outras mulheres da cozinha riram em concordância, mas Adora achou aquele comentário extremamente violento. Sentiu seu corpo inteiro ferver de raiva.

— Ângela, que coisa horrível de falar! Isso é racismo — denunciou Adora.

— Ah, de novo isso, Adora? Lá vem você de novo com esses papos...

Não fazia nem um mês que Adora e Ângela tinham discutido por um assunto muito parecido com aquele. Na época, todo mundo se envolveu esmiuçando o caso. Quase que unanimemente tinham decidido que Ângela não era racista, mas Adora que era muito sensível. Naquele final de semana, porém, não tinham nenhum interesse em repetir a cena e a investigação. Revirando os olhos e bufando sem paciência para "aqueles papos de Adora", todas as mulheres puseram a falar por cima, engatando em outros temas.

Adora respirou fundo, procurando dentro de si algum alento.

Ao redor da mesa, na boca da pia, com a barriga no fogão, na frente da geladeira ou ainda em pé com uma vassoura na mão, todas as mulheres se uniam para preparar o almoço de domingo. As que cozinhavam melhor faziam sua arte culinária, enquanto outras, não tão boas assim de tempero, descascavam e cortavam os legumes, lavavam as louças e mantinham o ambiente organizado. Ainda que fossem 15 mulheres na cozinha quente, falando e fofocando, tudo era de uma produção focada. Nas regras da família, ninguém poderia estar de cabelos soltos na cozinha, nem estar desocupada, afinal, sempre tinha serviço a ser feito. Mas esse serviço sempre podia ser feito fofocando e era isso que a família fazia.

— Então, menina! Tô te falando? Mas ela sabia que aquele cara não prestava. Agora tá aí: grávida e o cara não quer assumir. Ela sabia onde tava se metendo e decidiu se envolver com ele mesmo assim!

— Quem que está grávida?

— Laila está grávida do Marcos.

— Quem é Laila?

— Filha de Albertinho alí da padaria, aquele que usava um bigode grosso estranho. Sabe não? Casado com Solange, aquela doida que não sabia dirigir e quase atropelou as crianças na rua. Sabe não?

— Albertinho tem uma filha?

— Sim, menina! É dela que a gente está falando. 16 anos. Estuda com a Júlia e Isabela na escola.

— 16 anos e tá grávida?

— Hm, hm, hm… — Ouviu-se quase que um coro de afirmações entoar pela cozinha.

— Criança que faz criança não é mais criança — disse Dona Rita, a matriarca da família.

— Gente, vocês estão realmente julgando uma garota de 16 anos por estar grávida?

— Adora, ela abriu as pernas porque ela quis.

— Mas ela tem 16 anos e o cara tem 24! Ela era nova demais, tem coisas como coação emocional, pedofilia, sexualização infantil…

— Não era nada disso, Adora — interrompeu a mãe. — Ela gostava do garoto, pendurou no pescoço dele e o resto é história. Agora tá aí chorando.

— Mas gente, isso é loucura. E o cara não quer assumir e vocês acham que ela é a culpada? — A voz de Adora estava um pouco mais aguda que o normal. E enquanto ela ia anunciando todas as problematizações que conseguia elencar, ela ia sentindo a mudança em todo o ambiente. Suas primas, tias, mãe e avó que antes falavam animadas, iam todas trocando entre si olhares impacientes, suspiros cansados e expressões faciais desdenhosas. Adora percebia a mudança, mas não conseguia parar de falar sobre como era um absurdo esse nível de julgamento, de que elas deveriam ser mais feministas e exigir que esse homem de 24 anos assumisse a responsabilidade, em vez de passar a mão na cabeça dele e culpar a menina. E essa menina de 16 anos, será que ela queria ter esse filho? Adora falava entusiasticamente sobre Laila poder abortar, caso quisesse. Não cansava de apontar que tinha muita, muita coisa errada naquela história. Ninguém podia ouvir?

— Adora depois que foi para a faculdade ficou metida — disse Dona Rita como se Adora não estivesse no local. As parentas todas concordaram.

Dona Rita, a avó de Adora, tinha tido uma vida muito sofrida, com escassez de comida e exagero de bocas para alimentar. Ainda muito menina precisou abandonar a escola e se juntou aos pais trabalhando nas plantações no interior do Rio de Janeiro. Com 18 anos Rita casou com João. Os dois eram magros e com rostos descarnados, mas ainda tinham carisma. Segundo Dona Rita, foi cativando as pessoas certas, sendo bons de serviço e atentos para as oportunidades, que conseguiram cavar uma vida menos sofrida para suas três filhas. Com as netas, Dona Rita não demonstrava suas faces mais duras, pelo contrário. Em se tratar de Adora, a avó sempre falava com muita orgulho, exibindo Adora para os vizinhos e elogiando o hábito de estudo da menina. Dizia para quem quisesse ouvir:

"— Essa aqui é esperta! Vai longe!"

Então, foi muito duro para Adora ouvir a chamada da avó. Estaria ela se tornando muito metida? Mas por quê? Adora olhava para a cozinha, só via mulheres. Sua avó, a matriarca que tinha perdido o marido há quase 10 anos, tinha tido três filhas: sua mãe e suas duas tias, todas divorciadas. Adora só tinha primas mulheres, e suas primas também divorciadas, só tinham tido filhas mulheres. Eram quatro gerações só de mulheres espalhadas pela cozinha, idades que variavam de 3 a 89 anos. Tudo que Adora fazia era tentar passar para elas o quanto o feminismo era libertador. E também, mostrar para elas o quanto elas mesmas eram exemplos de empoderamento feminino.

Mas não estava dando certo.

Com a chateação óbvia estampada no rosto, Adora resolveu mudar de tarefa. Abandonou as batatas e foi pegar a toalha e os pratos para colocar a mesa na sala de jantar adjacente. Aproveitou que uma vez que estava fora da cozinha, não voltaria. Queria um pouco de distância. E mais do que isso, queria um pouco de compreensão. Sentada à mesa sozinha, puxou o celular para twittar o que tinha acabado de acontecer. Ao fundo, ouvia as gargalhadas na cozinha e se pegou imaginando se era alguma coisa realmente engraçada, ou mais alguma coisa absurda que suas parentas falavam sem noção do quão nocivo poderia ser. Um misto de solidão e alívio acompanhavam aquele momento de isolamento na sala de jantar.

Adora estava tão entretida postando um fio no Twitter que nem ouviu Mabel se aproximar. Mabel era sua prima de 13 anos.

— Adora, você tem um absorvente para me emprestar?

Aquela era uma pergunta cuja resposta era "sim" ou "não". Mas para Adora, a resposta foi:

— Eu não uso mais absorvente. São objetos super desconfortáveis, inventados e comercializados pelo homem cis hetero branco, que não leva em conta as diferentes anatomias dos corpos femininos.

Mabel piscou três vezes enquanto tentava decifrar o que Adora tinha acabado de dizer.

— Isso quer dizer que você não tem absorvente?

— Não tenho.

Você entendeu o que acabou de acontecer? Parecia que elas nem estavam falando a mesma língua. Mabel revirou os olhos concordando com Dona Rita: Adora estava mesmo ficando metida. E esquisita. E chata. Adora sentiu o olhar, e quase que podia ler os pensamentos da prima. Sentiu seu coração afundar.

E é aqui, querida leitora, que eu preciso interromper essa cena.

Sabe, nem sempre as coisas foram daquele jeito. Teve um momento da vida, nem tão no passado assim, que Adora estaria na cozinha, rindo com suas parentas, sentindo-se muito pertencente e querida. Mas algo aconteceu para que ela chegasse naquele momento, sentindo-se isolada e desconectada da própria família. Na verdade, não algo. Mas várias coisas. Vem, eu vou te contar essa história.

2. Vou te contar uma história

Querida leitora, acho que a primeira coisa que você precisa saber sobre esse texto é que sim, ele é uma história. E sim, eu vou te contar essa história. E sim, eu vou te contar essa história porque sou a narradora. Como narradora, eu não preciso de muitas introduções e apresentações, mas nesse caso específico, reconhecendo que sou um elemento inesperado, vou começar esse texto me afirmando para vocês. Eu poderia argumentar que contar histórias é uma forma rica de passar conhecimento para frente, ou ainda que é uma maneira eficaz de manter vivo certos aspectos da cultura, que é um jeito encantador de estimular a imaginação e produzir conexões, afinal, quem conta um conto aumenta um ponto, certo?

Mas hoje, afirmo a potência da narrativa junto com Donna Haraway (2014), que disse uma vez em entrevista para no Colóquio Internacional Os Mil nomes de Gaia que

> contar histórias é algo muito potente para se fazer agora. Para, de certa forma, reunir os povos humanos e não humanos em um tipo de viver bem agora, quer funcione ou não para resolver um certo tipo de problema. É um tipo de insistência na alegria e no terror de viver e morrer bem nessa Terra. Acho que isso nos dá também a melhor oportunidade de continuidade, mas também nos torna os mais resistentes aos sistemas de dominação que são tão abundantemente presentes e poderosos. E, então, esse gênero de contar histórias que reúne humanos e não humanos na fluência tanto imaginada quanto realizada é muito importante pra mim. (6’08’’)

E bem, é exatamente esse tipo de história que eu trago hoje para contar para vocês. Uma história protagonizada por humanos e não-humanos em seus movimentos de resistência e de transformação. Uma história que em muitos níveis é sim de insistência na alegria e no terror, no sentido de acompanhar inúmeros processos de ruptura e reconexão. E você pode se questionar, querida leitora, “mas pra que isso?”, “que moda doida é essa?” e a resposta eu lhe ofereço junto com outras parceiras. Santos, Oliva e Costa (2020) propuseram um material novo em forma de vídeo gamificado para democratizar o acesso a um texto acadêmico. Ao fazer isso, afirmaram que

> além de complementar o reconhecimento do texto para quem é acadêmico, o vídeo serviria para comunicar a essência da Teoria do Ator-REDE para leigos. Existe uma grande dificuldade na literatura científica de se fazer entender fora

> da academia e esta era a justificativa do vídeo, ser uma possibilidade para a translação do conhecimento entre academia, gestores, serviço e população. (SANTOS, OLIVA E COSTA, 2021, p.124)

Dessa forma, me afirmo também junto com essas autoras, e me alinho ao movimento, ainda que inicial, de tentar assumir uma voz e contar uma história que possa ser compreendida por um público não acadêmico. Venho hoje te contar essa história na expectativa de que ela faça sentido para você. E te aviso logo que essa história não é exatamente linear. Não vou aqui te contar uma série de acontecimentos arrumados cronologicamente com uma relação de causa e consequência entre si. Vou te contar uma história sobre os deslocamentos de Adora e os efeitos que esses deslocamentos produziram no mundo. Calma, isso tá confuso, né?

Vamos colocar assim: a gente começa a acompanhar a Adora em um momento x da vida, um momento em que ela se mudou de uma cidade do interior para a capital, que ela começou os estudos na universidade, que começou a conviver com mais pessoas e pessoas diferentes dela mesma. Se a gente tirasse uma foto de Adora nesse momento x da vida, o que veríamos? Ou melhor, que atores comporiam aquela imagem? Bem, principalmente, veríamos Adora, uma menina de 18 anos com uma criação social conservadora, economicamente neoliberal e pautada em muitos privilégios. A nossa protagonista é uma menina branca, cis, heterossexual, classe média, não-deficiente que nunca teve como prática de vida a autocrítica, o questionamento político e o reconhecimento de seus privilégios. Ao estar conectada desta forma com o mundo, o que isso produz? À princípio, produz uma boa relação com a família, o status de orgulho da avó, mas também o estranhamento em relação aos novos amigos, produz ceticismo em relação às notícias que lê, produz reflexões em relação a posts, imagens e conteúdos de redes sociais como um todo.

Mas como eu te disse, essa história é também sobre o deslocamento. Imediatamente após tirarmos essa foto do momento x, esse momento continua o seu eterno movimento de transformação. Adora, que antes estava enredada com alguns atores, começa a se movimentar de tal forma que suas conexões e redes se tornam outras. O estranhamento, o ceticismo, as reflexões, tudo isso vai conduzindo Adora para novas relações, para outro posicionamento, para outro momento. Então vamos lá e tiramos a segunda foto. Uma foto y. Que atores aparecem na foto y? Temos agora uma personagem principal na universidade pública, moradora da capital, cheia de novos amigos no

Facebook, Instagram, Twitter, Tiktok e todas as redes possíveis e imagináveis, um feed lotado de rostos novos, e junto com esses rostos, publicações, textões, fotos, gifs, vídeos. Um novo mundo se abre para Adora nesse momento. Temos agora uma personagem principal em academização, em contato com pautas políticas dos movimentos sociais, inserida numa bolha das redes sociais.

Então fazemos novamente a pergunta: o que isso produz no mundo? O estranhamento em relação aos amigos da faculdade não existe mais, pelo contrário. Adora está mais sociável que nunca. Uma aluna exímia, engajada, produtora de conteúdo online. Mas por outro lado, é protagonista daquela cena de domingo. A fatídica cena de domingo. Os novos enredamentos produzem estranhamento em relação à família, um senso de não pertencimento, afastamento, atritos. E aí o que a gente faz com isso? Vamos ficar com o problema (Haraway, 2019) um pouquinho para eu poder te contar essa história.

Enquanto tentava decidir como contar essa história para vocês, uma história que, mais do que tudo, diz respeito à potência dos encontros e dos deslocamentos, procurei por um método que evidenciasse precisamente isso. E foi assim que a TAR encontrou seu caminho até mim. Na TAR

> (1) é permitido também aos não-humanos desempenhar o papel de actantes, pois assim como os ditos "atores sociais" estes estabelecem associações e participam do curso da ação, ou seja, também possuem "agência" (Penley & Ross, 1990); (2) o "social" não está dado de antemão, ele é movimento, efeito de associações e, portanto, deve ser descrito, investigado, explicado; e (3) os enunciados produzidos pela pesquisa atuam na produção de coletivos, evidenciam associações e, portanto, reagregam o "social". (PEDRO et al, 2014, p.55)

Com isso, eu gostaria que você começasse a compreender que nessa história nós temos muitos atores, cada um deles exercendo uma força diferente, produzindo tensões, levantando questões políticas, raciais, de gênero, de deficiência. Temos aqui um campo (ou, já que estamos falando de uma história, um cenário) que se apresenta a partir da controvérsia. Controvérsia não necessariamente de uma perspectiva de conflito, mas de heterogeneidade, de pensar o mundo através de certa instabilidade, envolvendo atores humanos e não humanos, expondo o social em sua forma mais dinâmica e resistindo a reduções e simplificações. (PEDRO et al., 2014)

Eu gostaria que você lesse essa história identificando os atores que não são tão óbvios, e mais ainda, o movimento que eles fazem dentro dessa narrativa. Com

movimento, eu quero dizer as associações, as conexões, os encontros e desencontros. Porque é esse movimento que vai dando pistas de como é que Adora se viu protagonizando aquela cena do Dia de Domingo.

Como eu te disse, essa aqui não é uma história linear com relação de causalidade, mas sim de engendramentos. Vamos acompanhando essa movimentação a partir de uma análise minuciosa dos conteúdos online aos quais ela tem acesso. Esse texto é também a tela do celular, do notebook, do tablet e da TV de Adora. Nesse momento, vou me utilizando das pistas que a Hine (2000) me deu para dividir com vocês essa história que eu estou acompanhando tão de perto. O que vamos fazer aqui é uma etnografia virtual. Ou seja, vou esmiuçar com vocês alguns acontecimentos que se deram no espaço online, de forma a ajudar a "compreender os diferentes significados atribuídos às coisas e pessoas a partir do ponto de vista dos nativos de determinados grupos ou comunidades" (SANTOS; GOMES, 2013, s/n). Para nos ajudar nessa história, também preparei um Mini Dicionário de Internautês e ele se encontra em anexo (ANEXO I). Nesse dicionário explico alguns dos termos, pontuações, gírias e formas específicas de linguagem online. Preparei esse Minidicionário porque reconheço que a linguagem online atual pode ser uma pouco complicada, então, no intuito de evitar muitas quebras ao narrar essa história, ao mesmo tempo que prezando pela inteligibilidade do que está sendo abordado aqui, reuni todos os termos que acho que poderiam ser complicados de entender em um só anexo.

É importante dizer que esse texto tenta se fazer acessível também às pessoas com deficiência visual e é construído com o recurso de texto alternativo para descrever todas as imagens. E, já que estamos falando sobre o alinhamento desse texto, aproveito para dizer que esse trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Acredito que a partir dessa descrição dos acontecimentos, a etnografia pode ser um bom recurso para compreendermos que a internet representa um lugar, um ciberespaço, onde a cultura é constituída e reconstituída (Hine, 2000), principalmente porque, nessa história, as redes sociais entram como atores, como rede e até como movimento. A partir do momento em que vamos compreendendo a internet como um lugar social onde a cultura é constituída, vamos entendendo também como, ao estar inserida nela de tal forma, é produzida uma subjetividade atravessada por questões de gênero, raça, classe e deficiência.

Mas aí você pode se questionar: "A gente vai acompanhar todos os passos de Adora, 24h por dia, todos os dias, por anos? Quantas horas vai durar essa história?"

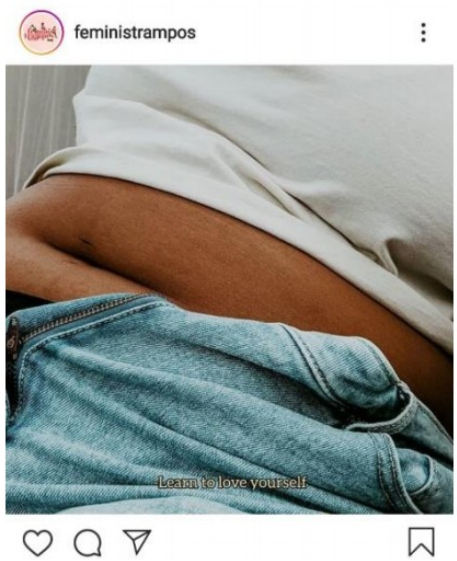
Calma, querida leitora, já me adiantando a sua ansiedade, eu fiz um lindo trabalho de edição. Eu acompanhei a Adora 24h por dia, todos os dias, por muitos anos e reúno aqui para você uma série de acontecimentos que considerei importantes. O conteúdo reunido tem o intuito de te fazer compreender como é que Adora se viu sendo aquela pessoa no almoço de domingo com a família. E eu já te adianto então que, num primeiro momento, o conteúdo evidenciará a academização de Adora, a formação de uma nova bolha em suas redes sociais e o processo de costura entre as vivências online e offline.

No segundo momento da história, o que vamos acompanhar são as consequências dos novos encontros. Isso quer dizer que no momento em que Adora se vê enredada com novos atores, sendo eles principalmente o meio acadêmico, o feminismo e os recortes sociais de raça, classe e deficiência, a menina se depara com um novo desafio: como se conectar com a sua família? O fatídico dia de domingo faz com que Adora confronte as consequências dos seus novos engendramentos e se veja convocada a tirar outras consequências de seus encontros.

Mas bem, tô começando a ficar ansiosa. Agora que você tem um panorama geral e está esperta sobre ao que se atentar, vamos começar logo essa história?

3. Garotas feministas

Adora estava deitada na cama, rolando o feed do Facebook, tentando matar o tédio com as postagens que surgiam aos montes a cada segundo. Entre os muitos memes, textões exaltados sobre política e vídeos de gatinhos, ela via também as postagens de empoderamento feminino. *"Aprenda a se amar"*, dizia um post que sua amiga da faculdade tinha compartilhado.



A garota não pôde evitar o riso irônico. Adora passara a vida toda ouvindo de seus parentes, amigas e namorados que um corpo bonito era um corpo magro, sem gordura, sem dobrinhas e sem curvas. "Aprenda a se amar", o post dizia sobre a imagem de uma barriga dobrada. Adora não achava que poderia amar a si mesma se tivesse uma barriga daquelas que dobrasse. Na verdade, ela fora ensinada o contrário: ela não deveria se amar se fosse gorda. Ela deveria ter vergonha.

Uma outra amiga da faculdade compartilhou: *"Seus pelos não são sujos"*, o texto vinha logo acima de outra imagem de uma mulher com as pernas cabeludas. Adora revirou os olhos, pensando em como suas pernas branquelas pareciam sujas com os pelinhos pretos que cresciam espetando nas suas canelas. Ela não conseguia se identificar e nem concordar com aquelas afirmações. Quer dizer, é sério isso?

Ela se considerava feminista, sabe? Mas uma feminista com limites. Desde que entrara na faculdade e adicionara muitas pessoas novas às suas redes sociais, ficava um pouco chocada com as informações que via enquanto navegava pela internet. É claro que ela defendia direitos iguais entre homens e mulheres, e abominava qualquer tipo

violência. Mas algumas coisas pareciam *demais*. Incentivar que as pessoas se amassem sendo gordas ou cabeludas? Isso era ir longe demais. Quer dizer, não que ela tivesse de fato alguma coisa a ver com o corpo das outras pessoas, mas parecia um exagero aceitar como normal aquele tipo de coisa. E depois, todo mundo sabia que pelos eram sujos sim. Axilas cabeludas eram fedidas. Fato.

Naquela linha de pensamento, ela rolou não apenas os olhos, mas também o feed, tendo a sensação total de indiferença àquele tipo de conteúdo. No movimento de rolar o feed, ela viu a chamada para um artigo no Two Ladies Brasil: "Será que eu oprimo uma mulher?" era o título. *Claro que não*, respondeu a si mesma mentalmente. Mas, só para deixar registrado, ela oprimia sim. Adora era branca, classe média, cis, hétero e não-deficiente. Durante toda a sua vida, mesmo que sem perceber, ela reproduziu racismos, classicismos, heteronormatividade e machismos. E aí você se pergunta: mas gente, Adora não é mulher? Uma mulher pode reproduzir machismos? Bem, não é como se eu fosse especialista no assunto, mas aí, a minha querida amiga bell hooks me explicou que sim, é possível uma mulher reproduzir machismos e até mesmo oprimir outras mulheres e homens. Segundo bell hooks "enquanto mulheres usarem poder de classe e de raça para dominar outras mulheres, a sororidade feminista não poderá existir por completo" (2019, p.36).

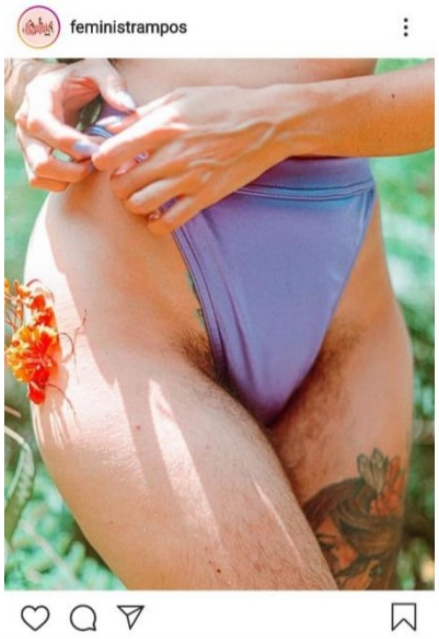
E bem, foi algo parecido com isso que Adora descobriu lendo aquele artigo no Two Ladies Brasil. Era a primeira vez que ela lia as ideias de bell hooks e as perspectivas que a autora levantava. O artigo trazia o conceito de feminismo proposto por hooks (2019) que era: "um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão" (p.13). Adora não entendeu no momento as sutilezas e nuances colocadas naquela explicação de bell hooks. Em sua cabeça, feminismo era "direitos iguais para homens e mulheres" e de alguma forma, em sua cabeça, as duas explicações pareciam dialogar. Adora foi entender só muito mais tarde na vida que o conceito de hooks trazia uma ideia de ação, de transformação. "Direitos iguais para homens e mulheres" é uma das coisas que o feminismo *quer*, e não o que ele *é*. hooks - e por isso ela é a especialista no assunto e não eu ou Adora - coloca nesse conceito como o feminismo é um conjunto de ações, de proposições, de reivindicações, de questionamentos, de transformações. Nesse conceito, feminismo entra como processo, como caminho, como potência.

É óbvio que Adora não tinha compreendido essas nuances na época, mas ela gostou de ter lido aquilo. O artigo ainda era cheio de questionamentos, como por exemplo: "você já julgou uma mulher por sua escolha de roupa?", e a resposta era "sim", Adora já

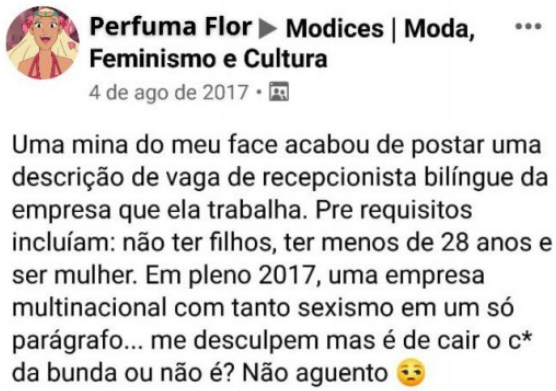
tinha julgado algumas meninas por usarem saias curtas demais. “Você já julgou algum aspecto do corpo de outra mulher?”, a resposta era “sim” de novo! E olha, só porque isso aqui está começando a pegar muito mal para Adora, eu vou adiantar que ela respondeu “sim” para todas as perguntas, o que a conduziu à conclusão de que *sim, ela oprimia outras mulheres* (mas isso eu já tinha te contado, né?).

A menina sentiu seu coração acelerar enquanto ela terminava de ler o artigo. Nunca imaginou que ela oprimia outras mulheres. Quer dizer, ela não fazia intencionalmente. Ela só nunca tinha sido ensinada a fazer diferente. Mas agora ela tinha algumas pistas e podia melhorar. Fechou o artigo pensando que tentaria ficar atenta para não reproduzir aqueles comportamentos.

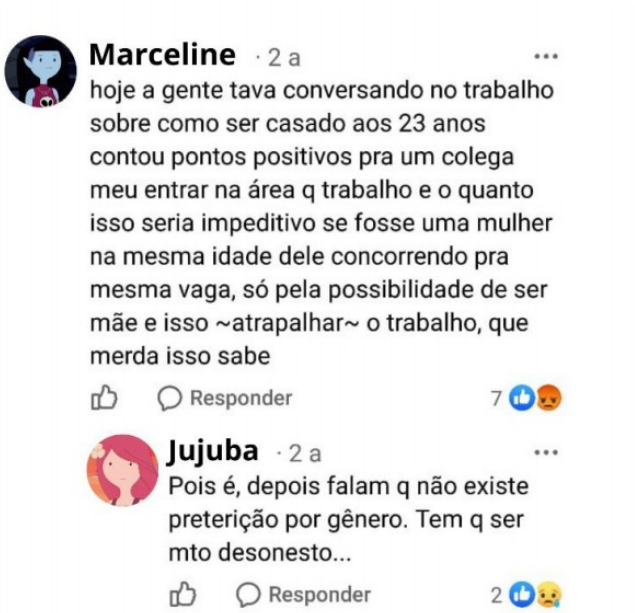
A primeira vez que teve uma oportunidade de se colocar à prova foi mais tarde naquela semana. Era quinta feira e ela estava no ônibus lotado, sacudindo a caminho da faculdade. Em pé, espremida entre duas meninas, ela contemplava o quanto o calor do verão do Rio de Janeiro era ingrato. Com o ar do ônibus com defeito, o cheiro de suor se espalhava entre os estudantes. Mas o pior mesmo era que a menina ao lado direito dela fedia a um cheiro azedo que Adora queria muito evitar. Reparou, de relance, que a menina não tinha pêlos nas axilas. Fedia por falta de desodorante. E aí, o mais curioso, é que a menina do outro lado de Adora, a que exalava um cheiro fresco de desodorante e perfume de hortelã, tinhas as axilas bem cabeludas, daquelas que dava para fazer trancinhas. Lembrou-se como se num choque do post que vira no Facebook no início da semana: *“Seus pêlos não são sujos”*. Sorriu pensando pela primeira vez que aquilo podia ser verdade.



Adora ficou encucada com aquele artigo do Two Ladies Brasil. Parte porque ele tinha alfinetado a forma dela de ver o mundo, mas também porque ao fazer isso, aquele artigo tinha introduzido muitos conceitos em sua vida. O que era sexismo, afinal? Depois de ler aquele conceito dado por bell hooks para feminismo, ela tinha visto a palavra se repetir várias vezes e em vários contextos. E para ser bem honesta, nem sempre tinha entendido. Desceu o feed mais um pouco e ali estava de novo: sexismo.



Leu o post três vezes tentando entender a indignação da menina. Ela entendia que aquilo era problemático, mas não entendia porque era sexista. Jogou "sexismo" no Google e entendeu, depois de ler algumas descrições, que o sexismo nada mais é que a discriminação de uma pessoa baseada em seu sexo. Retornou para o post e releu, achando que teria uma nova luz sobre a questão. Não teve. Só então clicou nos comentários, procurando algum tipo de discussão ou explicação para o caso.



Mas é claro! Aquelas exigências nunca seriam feitas para um homem. E por isso aquela era uma situação sexista: uma pessoa só enfrentou uma questão problemática por conta de seu sexo, e mais especificamente naquele contexto, uma mulher só viveu uma situação problemática por ser mulher. Adora não percebeu, mas enquanto lia as discussões daquele post, balançava a cabeça em concordância. Sua boca estava entreaberta e seus olhos um pouco arregalados. Era como se um choque de realidade atravessasse seu corpo.

Adora estava prestes a descobrir enquanto fuçava mais algumas páginas e links com temáticas feministas, mas eu posso te adiantar: o sexismo, acompanhado de opressão e exploração, constrói toda uma estrutura de poder na qual os homens são os mais beneficiados, ainda que, dadas as devidas proporções, sejam também vítimas. A partir disso, quando a gente pega o conceito dado por hooks que diz que o feminismo quer acabar com o sexismo, muita gente entende que o movimento feminista é anti-homem. Mas não é isso. Muito pelo contrário. Isso significa que apesar das mulheres reivindicarem equidade de gênero, não queremos inverter as bases da exploração. Queremos acabar com o sexismo, isso é, queremos que nenhum sexo seja explorado e/ou oprimido em relação ao outro. O que, em suma, quer dizer que o movimento feminista luta pela libertação de ambos os sexos. (hooks, 2019)

Quanto mais Adora lia a respeito, mais sentido as coisas faziam. Àquela altura, a menina seguia não apenas a "Two Ladies Brasil", mas também páginas como "Feministrampos", "The Feminist Tea", "Movimento Corpo Livre", "Todas Fridas"[1] e várias outras. Os tópicos lhe pareciam sempre novos, as discussões eram ricas e as explicações didáticas. Ela não entendia *tudo* que lia, mas tentava. E uma vez que começara a se atentar para essas coisas, percebia que estavam em todo lugar. Por exemplo, num domingo chuvoso, como a boa jovem adulta que era, estava na sala assistindo Netflix e comendo pipoca. Na tela, *La Casa de Papel*[2] a mantinha viciada, emendando um episódio após o outro. Já estava no terceiro episódio da segunda temporada quando Nairóbi, uma das personagens mais icônica da série, pegou o telefone e disse para o Professor do outro lado da linha:

"- Empieza el matriarcado!"

[1] Páginas no Facebook e Instagram voltadas para compartilhar conteúdos feministas.
[2] 42', Temporada 2, Episódio 3. La Casa de Papel, Netflix, 2017.



No Twitter, a #EmpiezaElMatriarcado[3] subiu. No Instagram, todo mundo compartilhava a imagem da Nairóbi falando aquilo. No Facebook não era diferente, com o vídeo da personagem sendo reproduzido sem parar na sua linha do tempo. Aquilo tudo parecia muito legal e tal, mas o que queria dizer? Adora entendia, até mesmo pelo contexto da série, que significava uma inversão de poder. Que agora Nairóbi, uma mulher, ia comandar o golpe. Mas "matriarcado"? Qual era a extensão daquilo tudo?

Primeiro Adora entendeu que matriarcado se opunha ao patriarcado. E quanto ao patriarcado ela entendeu que o buraco era muito mais embaixo. Porém, respirou fundo e começou a ler e buscar informações sobre o assunto. Adora começou a compreender que o patriarcado é o que acontece quando o sexismo se torna estruturado e institucionalizado. No patriarcado, as mulheres estão colocadas de forma submissa aos homens - nele, as mulheres são sujeitadas, silenciadas, descontextualizadas, violentadas e negadas de direitos humanos. Inclusive, uma das coisas com as quais Adora se deparou é que patriarcado não é uma coisa singular. Patriarcado, no singular, é para explicá-lo como conceito. Mas o que Judith Butler chama atenção em "Problemas de Gênero" (2003) é que o patriarcado não se exprime de forma singular. Ele pode variar de acordo com o contexto cultural e pode se dar de diferentes formas.

Na tentativa de entender o patriarcado, ou seja, suas origens, suas explicações e suas razões, Adora foi atrás de algumas acadêmicas feministas que se propuseram a pensá-lo através de perspectivas históricas, biológicas e políticas.

Na perspectiva histórica, ela conheceu outra grande amiga minha, Simone de Beauvoir (1949), que afirma categoricamente que "o mundo sempre pertenceu aos machos" (p.95). A autora, que estudou à luz da filosofia existencial os dados da pré-

[3]A primeira vez que a #EmpiezaElMatriarcado subiu foi em dezembro de 2017, no lançamento da série na Netflix. Em março de 2020, com o lançamento da quarta parte da série e morte trágica da personagem Nairobi, a hashtag subiu novamente.

história, afirma que as organizações sociais mais primitivas já apresentavam a dominação dos homens sobre as mulheres. Beauvoir questiona quais privilégios permitiram que os homens satisfizessem o desejo de dominar as mulheres.

A autora de "O segundo sexo" busca na biologia as explicações para esses privilégios. Para ela, a força física dos homens devia representar uma grande vantagem na organização das sociedades na época, mas além disso, a reprodução se configurava como uma grande desvantagem para as mulheres, ela afirma que "quanto às mulheres normais, a gravidez, o parto, a menstruação diminuíam sua capacidade de trabalho e condenavam-nas a longos períodos de impotência." (Beauvoir, 1949, p.96)

Silvia Federici (2019) no livro Calibã e a Bruxa articula e explica, a certa medida, como a dominação do corpo feminino pelos homens e pelo Estado se deu a partir de uma objetificação do útero, de forma a colocá-lo a serviço dos interesses econômicos de produzir uma população que servisse de mão de obra. Durante o livro, Adora foi acompanhando o gradual processo de desvalorização da mulher, e os caminhos de apropriação do corpo feminino e como isso acarretou na criação da imagem das bruxas que viriam a ser queimadas na fogueira.

Durante o período feudal, no séculos XIV, com o continente europeu assolado pela peste bubônica e com ⅓ da população dizimada pela doença, um processo típico da lógica capitalista se desencadeou: ao matar uma quantidade enorme de camponeses, a mão de obra se tornou escassa e por isso, mais cara. A crise gerada nessa época beneficiou os camponeses, que nessa nova era, tiveram seus salários aumentados e chances melhores de negociar a sua própria condição. De frente com essa nova realidade, começou uma contrarrevolução que atuava em todos os níveis da vida social e política, durante a qual, a condição da mulher foi gravemente precarizada.

Em meados do séculos XVI e início do século XVII, com a mão de obra ainda escassa e cara, houve um crescente interesse político e econômico nas práticas reprodutivas. Primeiramente, o estupro foi descriminalizado em diversas cidades, tornando-se uma prática regulada pelo Estado. Em segundo lugar, houve a institucionalização da prostituição. Também houve a apropriação sobre todos os aspectos do corpo da mulher e da reprodução: as mulheres não podiam mais abortar, tinham a vida sexual controlada, a procriação vigiada, não eram mais prioridade no parto. Como parte do processo, houve a demonização de qualquer prática de controle de natalidade e práticas sexuais não reprodutivas. Federici diz que o útero era tido como um objeto político a serviço da acumulação capitalista.

A imagem da bruxa, que surge nessa época apoiada nas mulheres que eram ligadas à natureza, conectadas aos processos reprodutivos e tinham conhecimentos medicinais de ervas e processos de cura, é difundida por todo continente europeu, reverberando por todo século XVI e XVII. A desmoralização, acusação, julgamento, perseguição e execução de milhares de mulheres se deu com acusações bisonhas de magia, rituais perversos e maldições no que foi um dos maiores genocídios da história: a caça às bruxas, que alcançou seu ápice entre 1580 e 1630.

Segundo Federici, a caça às bruxas foi o primeiro passo de transformação da sexualidade feminina em um trabalho a serviço dos homens. Considerando os dados que o livro traz, vamos compreendendo como as proposições e levantamentos históricos propostos por Federici se relacionam com as ideias de outras autoras no que concerne à reprodução como um marco da submissão das mulheres, mas não por um viés de vulnerabilidade e desvantagem biológica, como proposto por Beauvoir (1959) na pré-história, mas a partir de uma perspectiva de expropriação e violência.

Outras feministas identificaram a reprodução como uma condição primordial para a dominação masculina, chegando a defini-la como "a amarga armadilha". Mary O'Brien (apud Scott, 1990) teoriza que a dominação masculina viria como um "efeito do desejo dos homens de transcender a sua alienação dos meios de reprodução da espécie." (s/n) Joan Scott (1990) chega a citar o trabalho de Firestone, no qual ela diz que a "libertação das mulheres viria das transformações na tecnologia de reprodução, que poderia no futuro próximo eliminar a necessidade do corpo das mulheres como agentes de reprodução da espécie." (s/n)

Ler sobre aquilo fez surgir tantas coisas na cabeça de Adora. Primeiro ela lembrou de um desenho que tinha visto recentemente no Instagram.



Era uma crítica à romantização da maternidade. Era uma exposição da maternidade também em sua dureza, em sua exigência, em sua solidão. Adora, que não era mãe, nunca tinha se conectado com aqueles desabafos e com aquelas críticas. Mas agora, entendendo como a maternidade, na forma como ela está organizada na sociedade, pode ser uma prisão ou objeto de exploração, Adora se sentiu impactada. Também se sentiu roubada, indignada, ressentida. Lendo os comentários das outras mulheres, ia se sentindo ainda mais ultrajada. Se um dia ela quisesse ser mãe, era esse tipo de bagagem histórica e política que ela ia estar enfrentando. Uma bagagem tão recente de perseguição, julgamento e isolamento.

Aquilo mudou sua perspectiva sobre o assunto e mudou também sua atitude. No Twitter, Adora se familiarizou com o termo "*mom shaming*", que é um termo em inglês para designar os julgamentos que as mulheres sofrem por suas escolhas como mães. Acompanhando a *#MomShaming* ela percebeu que as mulheres eram julgadas por não amamentar seus filhos, ou por amamentar em público. Por dar chupeta para as crianças, ou por não dar chupeta para as crianças. Elas eram julgadas por trabalhar fora de casa ou por fazerem a escolha de abandonar seus empregos. Em resumo, elas eram julgadas por cada escolha microscópica que faziam, sendo questionadas e desautorizadas. Adora, que sem ser mãe ela mesma, só conseguia imaginar o nível de exaustão que aquilo tudo agregava à vida das mulheres. Então, fez o acordo consigo mesma de evitar julgamentos, de não externalizar seus preconceitos disfarçados de opinião e de tentar, o máximo possível, acolher aquelas mulheres.

Tendo isso em mente, vivenciou semanas depois uma cena que antes teria saído muito diferente se ela nunca tivesse se sensibilizado com a vulnerabilidade da maternidade. No mercado, uma moça tinha um bebê chorando pendurado no canguru em sua cintura, ao mesmo tempo que seu outro filho de uns dois anos de idade corria pelos corredores. A mãe tentava acalmar o bebê chorando em seus braços, ao mesmo tempo que gritava com a criança fujona. Adora olhou em volta para perceber muitas pessoas julgando, os olhares tortos e as bocas repuxadas nos rostos de quem não estava disposto a ajudar. Sentiu-se imediatamente convocada a ajudar aquela mulher. Quando o menino fujão passou do lado dela, ela segurou na mão dele, fazendo-o parar. O garotinho a olhou com os olhos arregalados, um pouco assustado, ao passo que Adora abriu um sorriso enorme.

— Oi! Você já viu que legal esse ovo de Páscoa da Patrulha Canina? — Ela perguntou para a criança, fazendo-o voltar a atenção para a cobertura de ovos de Páscoa que lhes tampavam as cabeças. — Tem tanto ovo de Páscoa legal! Viu que a sua mãe colocou alguns no carrinho?

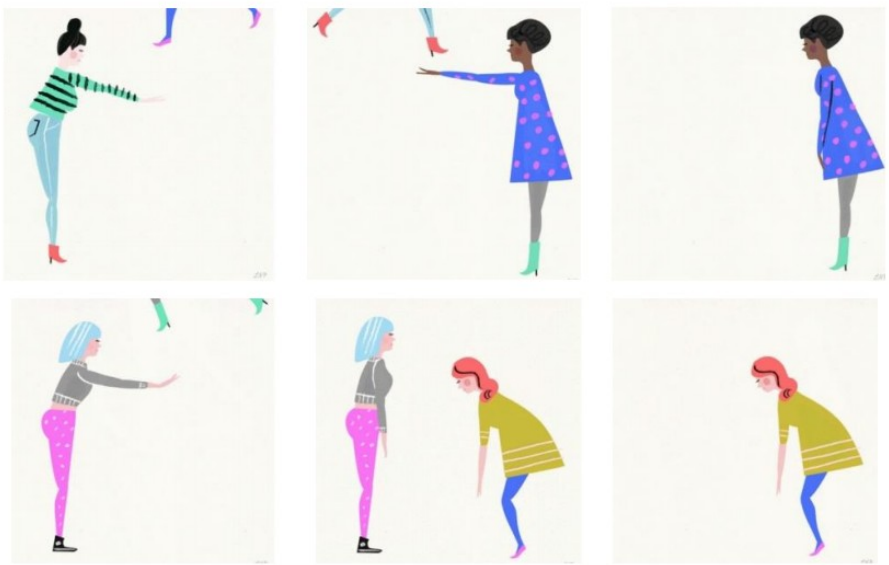
O menino olhou em volta procurando a mãe que se aproximava com o carrinho de compras e o bebê que ainda chorava em sua cintura.

— Mãe! Patrulha Canina! — O garotinho disse.

Adora sorriu para a mulher, que sorriu de volta. Elas não precisaram trocar nenhuma palavra - tinham um ar de cumplicidade no olhar. Era isso que Adora queria fazer sempre que possível. Queria ser diferente do que era antes, queria promover acolhimento. Estava feliz que estava mudando.

A mudança, Adora ia percebendo, era muito mais complexa. Envolvia empatia, acolhimento, amor. Envolvia *sororidade*.

Sororidade foi uma dessas palavras mágicas que quando Adora ouviu pela primeira vez se sentiu encantada. Sororidade significava ajudar outra mulher, acolhê-la, impulsioná-la. Implicava em compreender suas dores, suas dificuldades, suas lutas do dia a dia e em reconhecer que há um fio conector que perpassa todas as mulheres, aproximando suas experiências. "Sororidade feminista está fundamentada no comprometimento compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal, não importa a forma que a injustiça toma." (HOOKS, 2019, p.36)



Vendo aquele gif compartilhado na sua linha do tempo, Adora se sentiu feliz. Estranhamente contemplada. Era isso: uma subia e ajudava a outra a subir. Uma puxa a outra. "*A revolução é feminina*", dizia a legenda do gif. Adora sorriu em concordância. Clicou nos comentários, esperando ela mesma dessa vez escrever algo que ajudasse a empoderar outras mulheres. Mas, para a sua surpresa, os comentários não eram nada parecidos com o que ela esperava. *"Muito legal essa ideia de que uma puxa a outra. Mas o que eu vejo são mulheres brancas subindo nos ombros das mulheres negras e nunca mais olhando para trás"*, dizia o comentário de uma menina negra. 200 curtidas. Os comentários eram quase todos parecidos com aquele. Mulheres negras apontavam as disparidades entre o feminismo branco e o feminismo negro, levantando o questionamento se era mesmo possível falar em sororidade quando temos uma herança escravocrata tão forte e recente no Brasil e no mundo.

Adora leu muitos dos comentários, tentando entender as críticas. Mas mesmo que visse sentido, não conseguia encaixar todas as peças na sua cabeça. Um comentário, porém, chamou a sua atenção. *"Em vez de sororidade, vamos falar de dororidade?"*, propunha uma outra garota. *Dororidade*? O que era aquilo? Rapidamente, Adora jogou o termo no Google. De primeira, o site apontou como um erro de escrita, sugerindo o termo sororidade no lugar.



Não, Google. Eu não quis dizer sororidade. Adora revirou os olhos. A menina rolou a tela procurando entender que termo era aquele. "Em novo livro, autora questiona noção de 'sororidade' dentro do feminismo", dizia a chamada. Vilma Piedade, autora feminista e negra, tinha escrito um livro intitulado "Dororidade" (2019) exatamente para incorporar no conceito a perspectiva da mulher negra sobre essa palavra. Ao ler o livro, Adora riu porque a própria autora anunciava o fato de que, no Google, a pesquisa pela palavra "Dororidade" era confundida com um erro. Depois, ao continuar a leitura, Adora descobriu que a proposta de Piedade era exatamente de que a palavra "sororidade" não dá conta da pretitude - e foi a partir dessa percepção que ela cunhou um novo termo, um

que “carrega no seu significado a dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo. Contudo, quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, tem um agravo nessa dor. [...] neste caso, especificamente, a Dor só pode ser sentida a depender da cor da pele.” (2019, s/n)

Ao ler aquela palavra e toda a construção que a autora fazia em cima dela, Adora encontrou sentido nos comentários. Lembrou-se também de bell hooks falando algo que, na época que ela leu, ainda não tinha entendido a extensão das palavras.

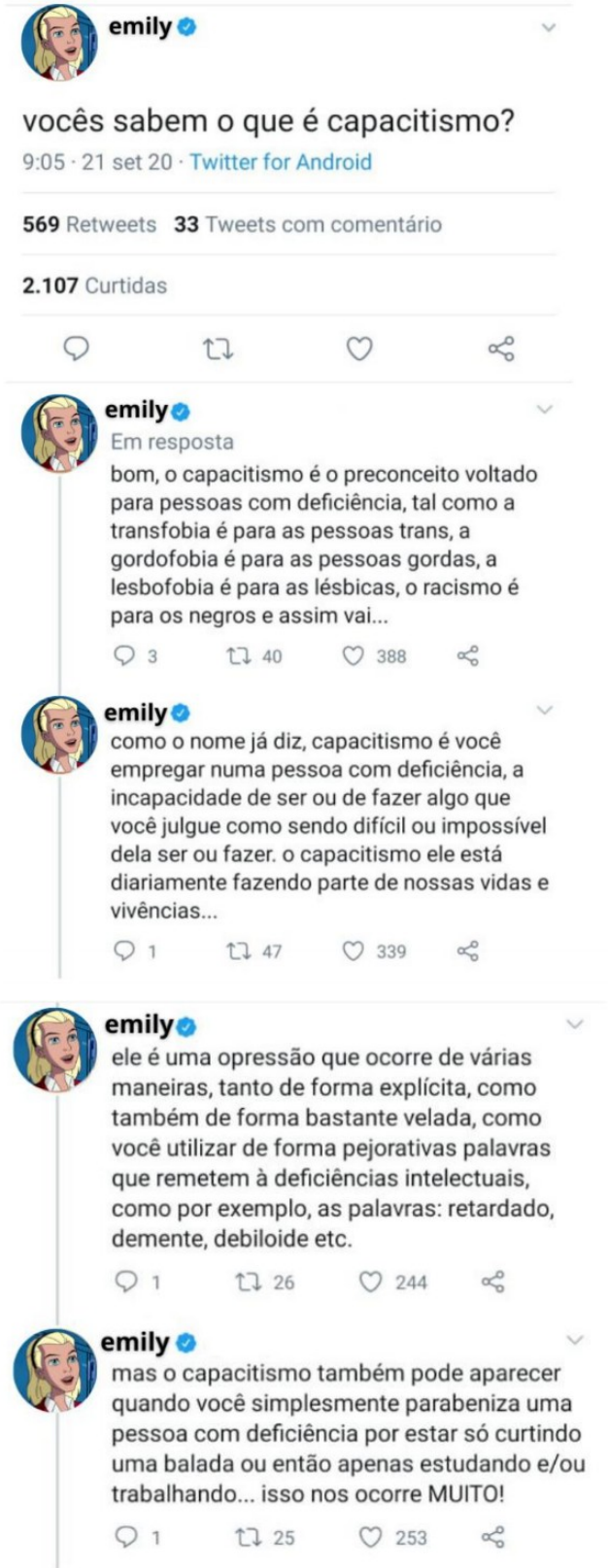
> É importante ressaltar que a sororidade jamais teria sido possível para além dos limites de raça e classe se mulheres individuais não estivessem dispostas a abrir mão de seu poder e dominação e exploração de grupos subordinados de mulheres. Enquanto mulheres usarem poder de classe e de raça para dominar outras mulheres, a sororidade feminista não poderá existir por completo. (HOOKS, 2019, p.36)

Adora foi percebendo que precisava estar atenta. Atenta para compreender as opressões que marcavam existências para muito além da sua própria. Que sim, existia um fio conector que aproximava a experiência de dor de todas as mulheres, essa dor marcada pelo *ser* mulher. Mas que este fio estava longe de dar conta de todas as expressões de opressão e violência vividas individual e coletivamente pelos mais diferentes tipos de mulheres. Neste movimento de estar atenta se deparou com mais uma questão que lhe fugia em absoluto:



Adora encarou aquele post por uns segundos tentando buscar na sua mente a palavra “capacitista.” Não lembrava de ter visto aquilo em lugar algum. Mas só porque

esses algoritmos parecem que leem nossas mentes, naquela mesma tarde, rolando pelo feed do Twitter, encontrou um fio bem explicativo.



Adora leu o fio todo assimilando informações completamente novas. Nunca tinha ouvido falar naquele conceito, nem mesmo de passagem. Não captou de imediato todas as dimensões do debate sobre capacitismo, precisou entrar em contato com aquele tema muitas outras vezes. Assistiu um vídeo da Camila Alves (2019), pesquisadora, mulher cega, no qual ela dizia que "o capacitismo, ele não está só sobre as deficiências. Mas ele está sobre todos os processos de deficientização que nós produzimos sobre outros corpos. Porque os processos de deficientização que a gente opera, não tem a ver só com pessoas com deficiência. Mas a gente deficientiza tudo o tempo inteiro." (43'28'')

Ainda assim, ficou se questionando como seria o atravessamento anti-capacitista dentro do movimento feminista. Nem o fio e nem o vídeo não circunscrevia o debate ao feminismo, de forma que ela foi ter contato com certas informações só muito mais tarde. Mas, cá entre nós, uma das coisas que Adora ia descobrir no futuro é que, no Brasil, mulheres com deficiência integram mais de 10% dos casos de estupro. (Movimento Down, 2019)

As questões idiossincráticas que apareciam a partir das diferenças eram todas novas para Adora. A menina nascida e criada dentro de outros privilégios nunca tinha visto por outras perspectivas. A partir daquele momento, Adora começou a ter contato com os debates sobre interseccionalidade - mais uma palavra nova em seu dicionário feminista. A princípio, tinha feito a imediata ligação de interseccionalidade com a interseção que aprendera em matemática na escola. Imaginava que mulheres negras, mulheres deficientes, mulheres LGBTQia+, ou ainda mulheres negras, deficientes e LGBTQia+ acumulavam opressões, de forma que sofriam com as opressões de gênero, com as opressões de raça, com as opressões de sexualidade.

Foi só quando numa aula a professora propôs que a turma lesse Akotirene (2019) é que Adora começou a dar outros sentidos para a interseccionalidade. A interseccionalidade, segundo a autora, não era um acúmulo de opressões, mas uma forma singular de estar no mundo e viver as realidades específicas - opressões que não se constituem sozinhas, independentes umas das outras, mas sim em conjunto, formando uniformemente uma classe identitária de raça-classe-gênero-deficiência e muitos outros recortes.

Parecia que novos mundos se abriam. Novas possibilidades de ser, estar, existir, habitar. Possibilidades outras que não se encerravam na sua própria experiência de ser mulher. Em algum momento, ela nem sabia exatamente qual, até o próprio conceito de

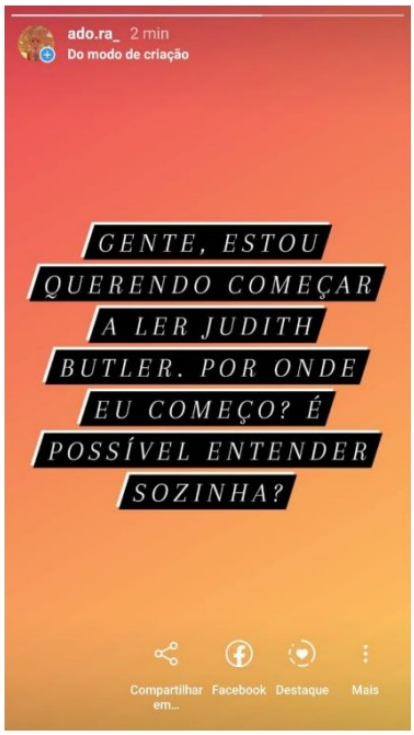
ser mulher tinha lhe sido apresentado como uma condição instável, transitória, fluida. *Mas gente, quê?*



Se eu tentasse descrever o nó que aquela conversa deu na cabeça de Adora, vocês também não entenderiam. Como assim nem todo mundo que menstrua é mulher? Homens trans menstruam? O que é um homem trans, afinal? Adora ficou tão curiosa e tão encucada que imediatamente se colocou a rolar os comentários procurando entender o significado daquilo tudo. Diversos comentários concordavam com a postagem, outros se colocavam radicalmente contra e ainda tinha um outro grupo (e era nesse que Adora se encontrava) que só não estava entendendo nada. Em dado momento, vendo a discussão

na postagem, leu um comentário que dizia: “Para a galera que não está entendendo, vocês deveriam ler Judith Butler. Vocês precisam parar de confundir sexo e gênero!”

Judith Butler? Esse nome não era estranho. Adora já tinha ouvido falar dela antes, em alguma aula na faculdade. Não lembrava muita coisa. Jogou no Google o nome da autora e viu a extensa lista de títulos que a mulher havia publicado. Ficou ligeiramente intimidada. A autora parecia tratar de assuntos tão delicados e complexos que Adora não sabia se estava apta para aprender sozinha. Percebeu naquele momento que ia precisar mobilizar uma rede, buscar orientação.



Adora postou nos seus stories um pedido de ajuda buscando orientação. Para a sua surpresa, recebeu muitas respostas. Entre as/os suas/seus amigas/os, haviam muitas/os curiosas/os, estudiosas/os e entusiastas do tema e da autora que estavam super dispostas/os a trocar uma ideia. Quase que de consenso, indicaram que ela começasse a leitura por “Problemas de Gênero” (2003), primeiro livro da Judith Butler a ser traduzido e lançado no Brasil. Mas também chamaram a atenção de que outras/os autoras/es eram importantes na área, como Simone de Beauvoir (essa Adora já conhecia!), Joan Scott, Gale Rubin e Paul Preciado, sendo este último ele mesmo um homem trans - o que até então, Adora ainda não sabia o que significava.

As conversas com as suas amigas tinham lhe dado confiança para finalmente entrar naqueles tópicos. Agora, com um norte, abria o e-book da Butler com outros olhos e uma nova postura. Como lhe tinha sido avisado, a leitura era densa e trazia muitos conceitos, mas aos poucos Adora ia entendendo.

Judith Butler (2003) tenta refletir, entender os limites e o pontos de encontro entre sexo e gênero. Com base no trabalho de Gale Rubin[4], Butler elabora a reflexão de que o sexo seria sustentado por uma visão biológica sobre os corpos, isso é, entendido a partir de determinações anatômicas, cromossômicas e hormonais. O sexo estaria ligado a uma concepção natural, e seu caráter estável estaria protegido pela biologia, compreendido de forma binária entre masculino e feminino.

Sobre gênero, Adora foi compreendendo como um conceito que foi cunhado principalmente para marcar uma cisão entre o cultural e a biologia, sendo um esforço para opor-se ao determinismo biológico. Isso é, enquanto o sexo seria determinado à priori pela biologia, o gênero seria construído culturalmente.

> Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. (BUTLER, 2015, p.26)

Dessa forma, se o gênero se dá a partir de inscrições culturais no corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de alguma forma, do sexo. "Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos." (BUTLER, 2015, p.26) Essa compreensão abre brecha para o entendimento que, ao contrário do sexo, o gênero não precisa ser binário. Ele vai para a esfera da multiplicidade, ou seja, nem todos os sujeitos entendidos como "homens" derivam de corpos masculinos, assim como nem todas as "mulheres" viriam de corpos femininos.

Beauvoir (1949) diz que "ninguém nasce mulher: torna-se mulher" (p.11) e com isso ela está abrindo a compreensão do ser mulher para as vivências históricas, políticas

[4] "The Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex" n Rayna R. Reiter (ed.), *Toward an Anthropology of Women*. Monthly Review Press. pp. 157--210 (1975). Acessível em: https://philarchive.org/rec/RUBTTI.

e sociais. Ela está apontando para a experiência vivida como conceituador de gênero e com isso, aponta também gênero como uma categoria de opressão.

O que Butler (2015) chama atenção é que apesar de gênero ser uma categoria aberta que pode ser definida a partir da experiência, ela sofre um condicionamento cultural muito grande devido ao binarismo sexo/gênero, de forma que, apesar de ser uma categoria aberta e fluida, expressa-se socialmente como fechada e estável. Surge um determinismo na construção de gênero que o compreende como "inscrito em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável" (BUTLER, 2015, p.28), de forma que não seria mais a biologia o condicionante, mas sim a cultura que se torna o destino.

Ao compreender isso é que Adora foi compreendendo também identidades de gênero não normativas. Pensou novamente no post "nem todo mundo que menstrua é mulher" e compreendeu que a menstruação está interligada a um corpo biológico, mas que ser mulher está interligado a um corpo cultural. Pensou no comentário que leu:

> Sim, homens trans menstruam, pois biologicamente são mulheres. Identidade de gênero não muda a realidade biológica e a foto ser neutra sobre identidade da pessoa que está sentada não muda também o fato que menstruação ainda é característica de fêmeas :) correta a postagem, é importante não apagar que MULHERES *e* homens trans menstruam. (Comentário no post)

Pensou que aquele comentário era confuso, mas que agora era capaz de entendê-lo. "Homens trans", que agora Adora entendia como sujeitos que performam o gênero masculino habitando um corpo biologicamente feminino, "menstruam" exatamente por sua biologia. "A identidade de gênero não muda a realidade biológica" porque gênero e sexo não se encontram de forma causal. "A foto é neutra sobre a identidade da pessoa que está sentada" porque não é possível saber se é um homem ou uma mulher apenas com as informações da foto. "MULHERES *e* homens trans menstruam" está quase correto. Adora percebeu que era importante marcar que "mulheres cis" menstruam, mas também diversos sujeitos que não se identificam com gênero nenhum (agênero) ou os sujeitos que se identificam com mais de um gênero (gênero fluido). Enfim, muita gente menstrua. E menstruar não te faz mulher. A biologia não dita se você é mulher.

Era pensando nisso que Butler (2015) propõe a reflexão: quem é o sujeito do feminismo? Para a autora, o sujeito do feminismo está ancorado na noção estável do

conceito de gênero, ou seja, numa noção relacional entre sexo e gênero. Mas não sendo esse o caso, Butler (2015) se questiona quem está incluído e quem está excluído dos discursos que necessitam de um sujeito, mais especificamente, do feminismo.

Adora, por sua vez, se questionava a mesma coisa. *Era por isso que odiava filosofia*, pensou. Queria respostas! Não queria mais perguntas. Não posso culpá-la. Você lembra como era ser jovem e impaciente, e achar que tudo tinha resposta simples? Ou, no mínimo, que tudo tinha resposta? Rá! Que saudade dessa época.

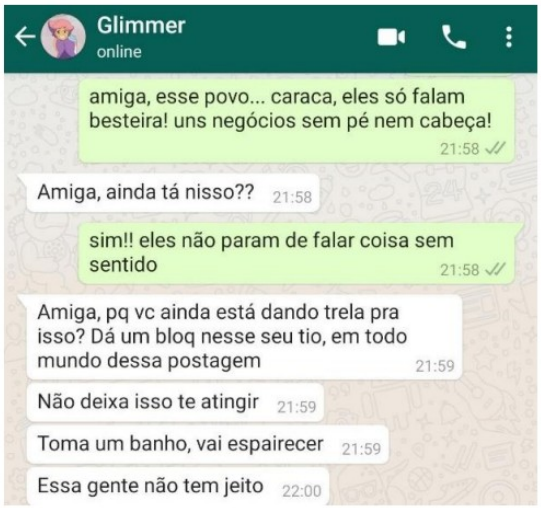
Todas as noites, antes de ir dormir, Adora se pegava pensando nesses assuntos. Rolava o feed no Instagram e no Facebook e via os comentários se sentindo um pouco mais entendida dos temas. Comentava ela mesma nas fotos, explicando conceitos do feminismo para as meninas confusas, que como ela há poucas semanas, também não entendiam nada. Conseguia explicar conceitos feministas com alguma didática, de uma maneira pouco confusa e cuidadosa, de forma que várias meninas começaram a curtir seus comentários, compartilhar seus textos e a segui-la nas redes sociais.

Um dia em especial, ao rolar o feed do Facebook, se deparou com uma postagem grotesca. Um tio seu, daqueles tão distantes que ela nem saberia qual braço da árvore genealógica puxar para saber como suas genéticas estavam interligadas, postou um texto completamente enervado sobre como meninas deveriam usar rosa e meninos deveriam usar azul, e sobre como as escolas estavam fazendo lavagem cerebral nas crianças, transformando-as em gays.

O coração de Adora acelerou. Como era possível tanta ignorância? Em seu coração puro, tudo que ela desejava era ser mensageira do feminismo, e era óbvio que o que faltava àquele tio distante, era informação. Então, alongou as mãos, estalou os dedos e se pôs a digitar uma mensagem enorme desmistificando todos os pontos de ignorância levantados por aquele parente.

Pouco tempo depois de Adora postar a resposta em forma de comentário, o homem respondeu com um texto ainda maior, criticando e atacando o que Adora dizia e reforçando as ideias do post original. Seguido dele, outras diversas pessoas que Adora nem conhecia começaram a comentar concordando com o tal tio, criticando a menina e exibindo posicionamentos políticos que Adora considerava ignorantes, equivocados e danosos. Com o coração batendo em meio a dor, raiva e um senso de dever de "levar a verdade para aquele povo ignorante", a garota se dedicou exclusivamente a responder os comentários, um por um, argumentando com o máximo de autoridade que conseguia.

O dia se transformou em noite, e junto com o sol, se pôs também todo resquício de felicidade de Adora. Àquela altura, ela já dividia a briga com várias amigas no WhatsApp, compartilhava a indignação com conhecidas no Twitter e se descabelava como se fosse uma guerreira no coliseu, lutando para sobreviver matando uma besta por vez. Muitas horas tinham se passado e muita sanidade tinha ido para o buraco quando a seguinte diálogo aconteceu:



Desanimada, mas com a sensação de que Glimmer estava correta, Adora finalmente deixou o cansaço vencer. Sem aguentar ver aquelas mensagens infinitas e aqueles argumentos que para ela não faziam sentido, bloqueou o tal do tio, que a partir daquele momento, deixaria de existir em sua vida. Junto com ele, bloqueou todos os envolvidos naquela discussão. Dias depois, quando tornou a ver um post no Facebook com o qual discordava com veemência, seguiu logo o conselho de Glimmer e bloqueou a pessoa antes de se envolver em uma nova discussão. Bloquear pessoas virou um hábito, um que ela considerava saudável até. A maioria das pessoas, assim como aquele tio, eram laços distantes, pessoas que ela já quase não tinha contato, não tinha carinho e não se importava de cortar do seu meio social.

Aos poucos, o Facebook, o Instagram, o Twitter e todas as outras redes sociais tornaram-se um lugar que Adora entendia como seguros. Um lugar no qual ela era aceita e compartilhava quase que em sincronia os pensamentos, trocando ideias com pessoas mais ou menos politicamente alinhadas com suas opiniões. Fora das redes sociais a coisa também não era muito diferente. Na faculdade, seus amigos trocavam ideias parecidas com as dela, nas aulas, seus professores alimentavam ideias que ela já estava em pré-

disposição de construir. Num geral, a bolha[5] das redes sociais se estendia também para sua vida offline. E é nesse ponto da história que tudo muda, pelo menos para Adora.

Morando no Rio de Janeiro, as idas de Adora para o interior para visitar a família tinham se tornado cada vez mais raras. Não só porque suas amigas e vida social estavam na capital, mas porque a estrada era longa, a passagem era cara e ela se sentia cada vez menos à vontade entre as parentas - esse último ponto chegou no ápice quando, Já passava das 10h da manhã quando Adora finalmente colocou os pés na cozinha da avó. O ambiente estava quente por causa do vapor que subia das panelas do fogão e da fumaça que exalava um cheiro maravilhoso vindo do forno. Mas, como se isso tudo não fosse o suficiente para esquentar uma cozinha, estavam ali reunidas dentro dela todas as tias, primas, mãe e avó de Adora, que falavam freneticamente ao mesmo tempo.

— Adora, vai prender o cabelo — ordenou sua Tia Su quase que imediatamente.

Adora deu um passo para trás, ficando no limite da cozinha com a sala enquanto prendia o cabelo que crescia em cachos volumosos.

— O que aconteceu com o seu cabelo? — perguntou Ângela, uma de suas primas mais velhas. Adora notou a desaprovação no tom de voz da mulher.

— Parei de alisar.

— Tá ridículo. Daqui a pouco tá com o cabelo igual ao da Jéssica.

Jéssica era a menina que morava no fim da rua e tinha mais ou menos a mesma idade de Adora. Jéssica também era a única menina negra que morava na rua. Os cabelos da menina eram cheios, com fios crespos da raiz às pontas - fios que nunca conheceram o alisamento.

— E qual o problema? O cabelo de Jéssica é lindo — disse Adora.

— Lindo? Credo, parece que tá sempre sujo. Parece que não vê um pente desde que saiu da barriga da mãe.

As outras mulheres da cozinha riram em concordância, mas Adora achou aquele comentário extremamente violento. Sentiu seu corpo inteiro ferver de raiva.

— Ângela, que coisa horrível de falar! Isso é racismo — denunciou Adora.

— Ah, de novo isso, Adora? Lá vem você de novo com esses papos...

Não fazia nem um mês que Adora e Ângela tinham discutido por um assunto muito parecido com aquele. Na época, todo mundo se envolveu esmiuçando o caso. Quase que unanimemente tinham decidido que Ângela não era racista, mas Adora que era muito

[5] Conceito que será melhor abordado no próximo capítulo

sensível. Naquele final de semana, porém, não tinham nenhum interesse em repetir a cena e a investigação. Revirando os olhos e bufando sem paciência para "aqueles papos de Adora", todas as mulheres puseram a falar por cima, engatando em outros temas.

Adora respirou fundo, procurando dentro de si algum alento.

Ao redor da mesa, na boca da pia, com a barriga no fogão, na frente da geladeira ou ainda em pé com uma vassoura na mão, todas as mulheres se uniam para preparar o almoço de domingo. As que cozinhavam melhor faziam sua arte culinária, enquanto outras, não tão boas assim de tempero, descascavam e cortavam os legumes, lavavam as louças e mantinham o ambiente organizado. Ainda que fossem 15 mulheres na cozinha quente, falando e fofocando, tudo era de uma produção focada. Nas regras da família, ninguém poderia estar de cabelos soltos na cozinha, nem estar desocupada, afinal, sempre tinha serviço a ser feito. Mas esse serviço sempre podia ser feito fofocando e era isso que a família fazia.

— Então, menina! Tô te falando? Mas ela sabia que aquele cara não prestava. Agora tá aí: grávida e o cara não quer assumir. Ela sabia onde tava se metendo e decidiu se envolver com ele mesmo assim!

— Quem que está grávida?

— Laila está grávida do Marcos.

— Quem é Laila?

— Filha de Albertinho ali da padaria, aquele que usava um bigode grosso estranho. Sabe não? Casado com Solange, aquela doida que não sabia dirigir e quase atropelou as crianças na rua. Sabe não?

— Albertinho tem uma filha?

— Sim, menina! É dela que a gente está falando. 16 anos. Estuda com a Júlia e Isabela na escola.

— 16 anos e tá grávida?

— Hm, hm, hm… — Ouviu-se quase que um coro de afirmações entoar pela cozinha.

— Criança que faz criança não é mais criança — disse Dona Rita, a matriarca da família.

— Gente, vocês estão realmente julgando uma garota de 16 anos por estar grávida?

— Adora, ela abriu as pernas porque ela quis.

— Mas ela tem 16 anos e o cara tem 24! Ela era nova demais, tem coisas como coação emocional, pedofilia, sexualização infantil…

— Não era nada disso, Adora — interrompeu a mãe. — Ela gostava do garoto, pendurou no pescoço dele e o resto é história. Agora tá aí chorando.

— Mas gente, isso é loucura. E o cara não quer assumir e vocês acham que ela é a culpada? — A voz de Adora estava um pouco mais aguda que o normal. E enquanto ela ia anunciando todas as problematizações que conseguia elencar, ela ia sentindo a mudança em todo o ambiente. Suas primas, tias, mãe e avó que antes falavam animadas, iam todas trocando entre si olhares impacientes, suspiros cansados e expressões faciais desdenhosas. Adora percebia a mudança, mas não conseguia parar de falar sobre como era um absurdo esse nível de julgamento, de que elas deveriam ser mais feministas e exigir que esse homem de 24 anos assumisse a responsabilidade, em vez de passar a mão na cabeça dele e culpar a menina. E essa menina de 16 anos, será que ela queria ter esse filho? Adora falava entusiasticamente sobre Laila poder abortar, caso quisesse. Não cansava de apontar que tinha muita, muita coisa errada naquela história. Ninguém podia ouvir?

— Adora depois que foi para a faculdade ficou metida — disse Dona Rita como se Adora não estivesse no local. As parentas todas concordaram.

Dona Rita, a avó de Adora, tinha tido uma vida muito sofrida, com escassez de comida e exagero de bocas para alimentar. Ainda muito menina precisou abandonar a escola e se juntou aos pais trabalhando nas plantações no interior do Rio de Janeiro. Com 18 anos Rita casou com João. Os dois eram magros e com rostos descarnados, mas ainda tinham carisma. Segundo Dona Rita, foi cativando as pessoas certas, sendo bons de serviço e atentos para as oportunidades, que conseguiram cavar uma vida menos sofrida para suas três filhas. Com as netas, Dona Rita não demonstrava suas faces mais duras, pelo contrário. Em se tratar de Adora, a avó sempre falava com muita orgulho, exibindo Adora para os vizinhos e elogiando o hábito de estudo da menina. Dizia para quem quisesse ouvir:

"— Essa aqui é esperta! Vai longe!"

Então, foi muito duro para Adora ouvir a chamada da avó. Estaria ela se tornando muito metida? Mas por quê? Adora olhava para a cozinha, só via mulheres. Sua avó, a matriarca que tinha perdido o marido há quase 10 anos, tinha tido três filhas: sua mãe e suas duas tias, todas divorciadas. Adora só tinha primas mulheres, e suas primas também divorciadas, só tinham tido filhas mulheres. Eram quatro gerações só de mulheres

espalhadas pela cozinha, idades que variavam de 3 a 89 anos. Tudo que Adora fazia era tentar passar para elas o quanto o feminismo era libertador. E também, mostrar para elas o quanto elas mesmas eram exemplos de empoderamento feminino.

Mas não estava dando certo.

Com a chateação óbvia estampada no rosto, Adora resolveu mudar de tarefa. Abandonou as batatas e foi pegar a toalha e os pratos para colocar a mesa na sala de jantar adjacente. Aproveitou que uma vez que estava fora da cozinha, não voltaria. Queria um pouco de distância. E mais do que isso, queria um pouco de compreensão. Sentada à mesa sozinha, puxou o celular para tuitar o que tinha acabado de acontecer. Ao fundo, ouvia as gargalhadas na cozinha e se pegou imaginando se era alguma coisa realmente engraçada, ou mais alguma coisa absurda que suas parentas falavam sem noção do quão nocivo poderia ser. Um misto de solidão e alívio acompanhavam aquele momento de isolamento na sala de jantar.

Adora estava tão entretida postando um fio no Twitter que nem ouviu Mabel se aproximar. Mabel era sua prima de 13 anos.

— Adora, você tem um absorvente para me emprestar?

Aquela era uma pergunta cuja resposta era "sim" ou "não". Mas para Adora, a resposta foi:

— Eu não uso mais absorvente. São objetos super desconfortáveis, inventados e comercializados pelo homem cis hetero branco, que não leva em conta as diferentes anatomias dos corpos femininos.

Mabel piscou três vezes enquanto tentava decifrar o que Adora tinha acabado de dizer.

— Isso quer dizer que você não tem absorvente?

— Não tenho.

Você entendeu o que acabou de acontecer? Parecia que elas nem estavam falando a mesma língua. Mabel revirou os olhos concordando com Dona Rita: Adora estava mesmo ficando metida. E esquisita. E chata. Adora sentiu o olhar, e quase que podia ler os pensamentos da prima. Sentiu seu coração afundar.

Não dava para bloquear as primas, as tias e a avó. E mesmo que desse, ela não queria. Elas não eram um tio distante de um braço genealógico há muito esquecido. Elas eram as mulheres que a tinham criado, as mulheres que a inspiravam, as mulheres que uniam todas as forças para impulsioná-la para cima em seus momentos de maior vulnerabilidade. Não queria *dar um bloq* em ninguém. Pelo contrário. No momento, o

encontro de Adora com a família produzia distanciamento, estranhamento. Mas o que a garota queria mesmo era trazê-las para perto, estabelecer diálogos, criar pontes, estreitar os laços... Não tinha a menor ideia de como fazer isso.

4. Eu sou uma garota feminista

Depois daquele fatídico dia de domingo, Adora voltou para a capital, para a sua faculdade e suas novas amizades. Consigo, carregou não apenas a mochila, mas um incômodo que não fazia ideia de como resolver. Agora que via e sentia aquela distância em relação à família, não conseguia mais desver. De repente, começou a achar o grupo de WhatsApp da família muito quieto, estranhou o fato de que nenhuma delas curtia ou comentava suas postagens e ainda percebeu que nada que elas postavam aparecia no seus feeds.

Cá entre nós, começava a entrar em cena o que o Pariser (apud BRUNO, 2013) chamou de "filtro bolha." Adora não conhecia esse termo, e bem como era sua ignorância sobre o conceito, era a sua alienação quanto ao processo. Inserida como estava nas redes sociais e engajada como era no uso da internet, a menina não sabia, mas fazia parte de uma intrincada rede de algoritmos. Se você, assim como Adora, desconhece a discussão sobre algoritmos, permita-me esboçar algumas reflexões.

Acompanhando a discussão que a Fernanda Bruno (2013) faz sobre o tema, percebemos que a função principal dos algoritmos é de criar os chamados "perfis" (profiling), que são "um conjunto de traços que não concerne a um indivíduo específico, mas sim expressa relações entre indivíduos, sendo mais interpessoal do que intrapessoal" (BRUNO, 2013, p.161). Os perfis não têm a intenção de produzir um saber sobre um indivíduo identificável, mas sim usar um conjunto de informações pessoais para agir sobre similares, ou seja, os perfis permitem que uma série de informações seja revelada sobre os sujeitos. Por exemplo, através dos algoritmos e do desenho do perfil, é possível saber que Adora tem 18 anos, é estudante numa universidade pública, não tem filhos, gosta de ler sobre feminismo, ver vídeos de gatinhos e comer fast food. Os algoritmos não fornecem uma explicação ou uma relação de causa e consequência entre uma informação e outra, eles apenas levantam essas informações.[6]

Segundo Bruno (2013), a criação de perfis pode agir de forma a limitar a dinâmica aberta e múltipla da internet. Essas limitações decorrem da própria lógica de personalização, principalmente após o Google Search, maior mecanismo de busca do mundo, passar a utilizar um mecanismo personalizado para exibir as respostas. Antes, ao procurar alguma coisa no Google, todas as pessoas recebiam as mesmas respostas, links

[6] Mas, por si só, essas informações podem ser bem relevantes. Elas apontam direcionamento de publicidade, de interesse e, em muitos níveis, o futuro em potencial.

organizados a partir de ordem de relevância das páginas segundo o número de links remetidos para elas. Desde 2009, porém, os resultados são exibidos conforme as presumidas preferências das pessoas, cada uma tendo resultados distintos. A isso, Pariser (apud BRUNO, 2013) deu o nome de "filtro bolha", que "de algum modo nos apresenta um certo mapa da rede onde os caminhos traçados são nossas supostas preferências projetadas por algoritmos que monitoram e mineram nossos cliques e navegações." (BRUNO, 2013, p. 171)

Nesse momento da vida, Adora não tinha muita noção ainda do funcionamento dos algoritmos. Mas, ao curtir páginas com temáticas feministas, de posicionamento político social-esquerdista e bloquear os conteúdos advindos de outros espaços e pensamentos (como era o caso do seu tio), estava alimentando uma forma de funcionamento dos algoritmos de forma que suas redes sociais tornaram-se uma bolha, um espaço onde seu posicionamento era espelhado e reafirmado por postagens e conteúdos de pessoas com pensamento similares. Dessa forma, ela estava ignorante no fato de que, ao bloquear o tio e outras pessoas/páginas com posicionamento político tão diferente do dela, fazia com que os próprios Facebook, Instagram, Twitter afastassem de sua visão postagens de suas tias, primas e mãe (que tinham um pensamento político mais próximo do tio do que do dela).

Uma vez que percebeu o silêncio da família em suas redes sociais, era como se Adora tivesse começado a sentir de forma latente a ausência de suas familiares no seu dia-a-dia. E ainda que sentindo essa ausência e se doendo com aquele afastamento, a menina só encontrou alguma luz um tempo depois. Era quarta-feira à tarde quando os livros que tinha encomendado na Amazon chegaram, "o **feminismo** é para ***todo*** mundo - políticas arrebatadoras" e "erga a voz: pensar como feminista, pensar como negra", de bell hooks (2019) tinham sido as escolhas de Adora. Com muitos livros publicados e traduzidos para o Português, Adora estava sempre encontrando com as ideias de bell hooks por ali e acolá e fazia sentido se debruçar sobre as obras da mulher.

Naquela tarde enrolou um pouco ainda para começar as leituras, mas aproveitou para investigar um pouco mais sobre a autora. No texto de orelha, descobriu que "bell hooks" era um pseudônimo para Gloria Jean Watkins. A autora estadunidense é artista, ativista negra, teórica feminista e crítica cultural. Saber um pouco mais sobre a mulher fez toda a diferença uma vez que começou a ler os textos. A escrita de hooks era encarnada, implicada e carregava em si a sua história de vida, o que aos olhos de Adora fazia tudo ficar mais interessante e palpável.

Lendo "o **feminismo** é para ***todo*** mundo - políticas arrebatadoras" (hooks, 2019), Adora começou a mapear certos acontecimentos a partir dos quais conseguiu dar mais sentido para as suas recentes experiências. Segundo bell hooks (2019), o feminismo atual é muito diferente daquele que nasceu na década 1970. A autora, que dá destaque principalmente ao movimento estadunidense, faz uma recapitulação do surgimento do pensamento feminista ao dizer que o movimento começou primeiro entre mulheres amigas, colegas de trabalho, vizinhas que se reuniam em grupos de conscientização para pensar o sexismo e criar estratégias para "mudar atitudes e crenças por meio de conversão para um pensamento feminista e comprometido com políticas feministas" (p.26). hooks diz que com frequência esses espaços serviam como grupos terapêuticos onde as mulheres compartilhavam a ira por serem vitimizadas e acabavam por ter pouco ou nenhum foco em elaborar estratégias de intervenção.

Porém, com a criação da disciplina "Estudos de Mulheres", o pensamento feminista começou a ser difundido em universidade. As informações do movimento feminista foram espalhadas e encabeçadas dentro do ambiente acadêmico por ativistas dos direitos civis, direitos dos gays e dos primeiros movimentos feministas. Esse foi o primeiro passo para a mudança do corpo do movimento.

> Não demorou muito e as salas de aula dos Estudos das Mulheres substituíram os grupos de conscientização informais. Enquanto mulheres de várias origens - as que trabalhavam apenas como donas de casa, em prestação de serviço ou as grandes profissionais - poderiam ser encontradas nos diversificados grupos de conscientização, a academia era, e ainda é, local de privilégio de classe. [...] Quando a sala de aula de Estudos de Mulheres substituiu o grupo de conscientização como principal local para a transmissão do pensamento e estratégias feministas para mudanças sociais, o movimento perdeu seu potencial fundamentado na massa. (HOOKS, 2019, p.28)

Ao fim dos anos 1960 e início dos anos 1970, com as novas configurações do movimento, as mulheres brancas ganhavam destaque nas mídias de massa, e com isso, suas pautas eram as mais discutidas, se popularizando. Enquanto o feminismo buscava acesso aos direitos reprodutivos, incluindo educação sexual básica, controle pré-natal, medicina preventiva, resistência à esterilização e cesariana forçadas etc., a pauta que chegou às mídias foi pelo direito ao aborto. As outras pautas, que já eram garantidas para mulheres brancas de classe média, foram ignoradas. A mesma coisa aconteceu quanto às

questões relacionadas ao trabalho. As mulheres brancas de classe média reivindicavam o direito de se inserir no mercado de trabalho, enquanto trabalhar já era a realidade (necessária e forçada) das mulheres negras ou brancas pobres. Esse fenômeno é descrito pela autora no seguinte trecho:

> As origens radicais do feminismo, que pediam a reforma e reestruturação geral da sociedade, para que se tornasse fundamentalmente antissexista, foi esquecida a partir do foco das mídias de massa nas pautas de igualdade de gênero propostas por um grupo de mulheres privilegiado. (HOOKS, 2019, p.21)

O pensamento feminista que se popularizou, que atravessava os muros da academia, era um pensamento feminista liberal, que via a libertação das mulheres na independência econômica, na possibilidade de ascender profissionalmente e de ocupar cargos de poder no trabalho. Porém, o feminismo liberal é desarticulado do feminismo que se originou com os grupos de conscientização, isso porque não visa a libertação das mulheres pobres e não-brancas. É um feminismo, que sem desafiar as bases capitalistas, se apoia na opressão de classe e raça. É um feminismo que se une em muitos níveis ao capitalismo e ao patriarcado.

Para bell hooks, o princípio do movimento feminista era radical e pregava a libertação de *todas* as mulheres, e isso incluída a libertação das opressões de classe e de raça. A autora diz que esse pensamento se perdeu em parte porque as mulheres brancas de classe média eram as únicas que ganhavam visibilidade e em parte porque o feminismo que se expandiu dentro da academia tomou rumos próprios.

Ler tudo aquilo fez muito sentido para Adora. De alguma forma, ela conseguia localizar de maneira generalista os percursos que o movimento feminista foi fazendo, isso inclui as cisões e as alianças que foram acontecendo, para chegar no momento em que ela se encontrava e se autodenominava feminista. Adora sentia que aquele era o começo da discussão que já há semanas pesava em seu coração. Em sua cabeça, começou a fazer um pouco mais de sentido porque as mulheres da sua família, que não tinham tido acesso à universidade pública, não discutiam ou refletiam sobre temas relacionados à libertação das mulheres.

Mas, uma voz em sua cabeça parecia reafirmar seu comportamento: se ela tinha acesso à universidade e àquelas discussões, não era sua responsabilidade democratizar

esse conhecimento e dividi-lo com a sua família? Ali estava ela, tentando levar as informações que aprendia para dentro de seu ambiente familiar, levar aquelas reflexões para que sua mãe e suas tias parassem de ser tão duras consigo mesmas, com suas filhas e netas. Ela olhava para as suas familiares e entendia que elas eram sujeitos do feminismo tanto quanto ela mesma. Queria passar para elas aquela perspectiva de empatia, de Dororidade, de acolhimento para que elas pudessem se apropriar do movimento também. Queria poder dividir com elas os pesos que carregava, e também ajudá-las a responsabilizar os verdadeiros agentes das opressões. Adora queria mobilizá-las da mesma forma que vinha sendo mobilizada. Por que então não conseguia?

Lembrando-se daquele encontro no domingo, Adora repassou vários dos diálogos em sua mente. Deteve-se particularmente no que teve com Mabel, sua prima que lhe pedira um absorvente emprestado. "Eu não uso mais absorvente", Adora respondeu. Não satisfeita, completou, "São objetos super desconfortáveis, inventados e comercializados pelo cis homem hetero branco, que não leva em conta as diferentes anatomias dos corpos femininos."

Minha mãe do céu, o que é que Mabel sabia sobre o "cis homem hetero branco"? Será que aquelas palavras significavam alguma coisa para a jovem adolescente? Em muitos níveis, Adora poderia estar falando em outra língua que não faria diferença. E talvez estivesse mesmo falando em outra língua. *Academicês.*

bell hooks (2019), analisou esse processo e refletiu que esse foi um fenômeno que se deu à medida que as mulheres, sobretudo as brancas de classe média, iam galgando os degraus das conquistas do movimento feminista, ao mesmo tempo que ia acontecendo o fenômeno de alienação do pensamento feminista. Dentro da academia, o movimento feminista tomou novos contornos, o que antes tinha vindo diretamente da teoria e da prática, agora era elaborado em textos complexos, com um jargão próprio, em uma teoria metalinguística, como se o pensamento feminista estivesse sendo produzido apenas para o público acadêmico. (hooks, 2019)

O pensamento feminista de dentro da academia parou de dialogar com as demandas feministas que estavam fora da academia. Esse processo decorreu da elitização do movimento, já que as mulheres que compunham o corpo acadêmico eram aquelas que formavam a classe dominadora. Dessa forma, ao movimento ia faltando articulação pensamento-prática e visão crítica sobre diferentes formas de dominação e libertação, nas palavras de hooks "Trabalhos que eram e são produzidos na academia muitas vezes são visionários, mas essas ideias raramente alcançam pessoas. Como consequência, a

academização do pensamento feminista dessa maneira enfraquece o movimento feminista por meio da despolitização." (HOOKS, 2019, p.45)

Adora apoiou o livro em seu peito e recostou a nuca nos travesseiros. O olhar estava fixo no teto, vendo as pás do ventilador girarem num movimento hipnótico. Parecia vidrada, chocada, tomada por emoções que ela mesma não sabia nomear. Era como se bell hooks (2019) estivesse lançando uma luz sobre as suas questões. Uma luz que iluminava acima de tudo a sua ignorância e suas falhas de comunicação.

Adora tentava refletir sobre isso enquanto estudava sobre o feminismo. Como torná-lo acessível? E também, o que acessível significava? Seria só uma questão de palavreado mais simples e decomposição dos temas, ou seria algo mais elaborado, como a própria percepção de identificação entre as mulheres e as pautas feministas? Na verdade, quanto mais Adora pensava sobre isso, mais a pergunta lhe parecia urgente: como levar esse debate para fora da academia de forma acessível?

A ela parecia que, de alguma maneira, a informação já estava atravessando os muros. Afinal, ela mesma tinha se dado conta de que era feminista e se familiarizado com as pautas através de canais diferentes, não apenas através da universidade. As redes sociais e os conteúdos online que ela acessava tinham sido de suma importância para seu entendimento como sujeito do feminismo. Mas não era só isso, né? Por mais importante que seja o papel da internet na difusão e fortalecimento do feminismo, esse estava longe de ser um veículo democrático.

Primeiro que o acesso à internet não é universal (IBGE, 2019), depois que havia entre Adora e as familiares um gap geracional, até mesmo entre ela e Mabel que tinham as idades próximas, pareciam muito distantes uma da outra no que tocava interesse e referência cultural, e por fim, algo que eu já informei para você leitora, mas Adora só foi se tocar naquele momento: o uso que Adora fazia da internet era totalmente diferente do que as suas familiares faziam, de forma que o ciberespaço, através do mecanismo de filtro bolha, se tornava mais um espelho de autoafirmação.

E agora? O que é que ela fazia com tanto problema? Em parte, eu atribuo à inocência da juventude o fato de que Adora se sentia consumida por um desejo enorme de solucionar tudo. Queria encontrar respostas para todas as perguntas que se formavam em sua cabeça, chegar com tudo mastigado e digerido para oferecer como um banquete às mulheres da sua família, e quiçá, para todas as outras do mundo que não se consideram feministas. Seria engraçado se não fosse triste. E eu digo triste porque, vamos lembrar do que nos alertou Haraway (2019): "aqueles que 'acreditam' que possuem as respostas para

as emergências atuais são terrivelmente perigosos" (s/n) [7]. Inocência da juventude à parte, esse desejo de chegar a uma fórmula mágica e de oferecer uma solução única para coisas que não são necessariamente um problema, me parece também uma traço de arrogância, herança de um fazer ciência tradicional.

Eu falo isso através de uma ideia trazida por John Law (2003), que escreveu um texto chamado "Fazendo Uma Bagunça Com Método."[8] Nesse texto ele denuncia uma forma de fazer ciência que supõe o que ele chama de "realismo euro-americano." Segundo autor, o realismo euro-americano é essa ideia de que existe uma (01) realidade a qual todos podem acessar, como se existissem situações assépticas, neutras e verdadeiras que se dão de forma independente, anterior, definitiva e singular. E o que Law (2003) vai denunciar é exatamente a inexistência dessas situações, indicando que as realidades são todas construídas. Sobre a construção das realidades, ele diz que se torna um exercício de manejar a presença e ausência de certos aspectos e que o desafio não é incluir tudo, até porque, isso seria impossível, mas de reconhecer a ausência, não transformando-a numa negação.

O que eu quero dizer, é que levando isso em consideração, torna-se impossível para Adora, ou qualquer outra pessoa, "levar" uma solução pronta a respeito do feminismo para mulheres do mundo todo. As vivências, as experiências, a importância das pautas, o nível de acesso a informação de cada mulher pode e deve variar social e culturalmente, com recortes de classe, raça, deficiência, geração, geográfico etc. Não reconhecer as multitudes, a diferença, a presença e ausência de certos aspectos é um apagamento de tudo aquilo que foge do realismo euro-americano, ou no caso de Adora, de tudo aquilo que foge de sua compreensão branca, jovem, classe média e acadêmica.

Adora vai acabar descobrindo isso também. Vem, eu vou continuar te contando essa história porque é agora que ela tá ficando boa.

[7] Tradução independente da versão em espanhol "Quienes "creen" que tienen las respuestas a las urgencias actuales son terriblemente peligrosos" (HARAWAY,2019, s/n)

[8] Traduzido livremente do original "Making a Mess With Method"

5. PesquisarCOM amor

Querida leitora, você sabe o que é um *insight*? Insight é quando alguém tem uma súbita compreensão de um problema, meio que um momento de iluminação, uma ideia, um estalo. E é realmente súbito. Não é uma ideia que está sendo construída, que vai se organizando, mas algo de pronto. Como um raio caindo sobre uma árvore.

Adora estava jogada no sofá assistindo a mais uma comédia romântica na noite de domingo. Na tela da TV, a mocinha descobria que seu interesse romântico tinha mentido para ela o tempo todo. Ela estava apaixonada não pelo empregado, mas pelo herdeiro de uma fortuna milionária. A garota estava chocada, se sentindo traída. Na cena mais dramática do filme, enquanto eles corriam debaixo de um temporal, o seguinte diálogo:

— Eu achei que você não ia me querer se soubesse quem eu sou — gritou ele.

— Por que você não me perguntou? Era só falar comigo!

Naquele momento, Adora parecia ela mesma ser uma árvore atingida por um raio.

Aquele filme em nada tinha a ver com as dores que afligiam seu coração, mas tinha algo de muito rico na fala da mocinha que poderia ser transportado para quase todas as situações da vida. "— Por que você não me perguntou? Era só falar comigo!" Durante tantas semanas, Adora ficou tentando encontrar formas de *levar* o feminismo para as mulheres de sua família, sem perceber que aquele tipo de conhecimento deveria ser construído junto, de forma que fizesse sentido para elas. E o que fazia sentido para a sua avó, mãe, tias e primas não eram as mesmas coisas que faziam sentido para ela mesma. Ela não poderia dar sentido ao movimento feminista pelas suas parentas, era um caminho que cada uma deveria trilhar por conta própria. O que ela podia fazer era perguntar.

Perguntar.

Tão simples.

Perguntar, ouvir, falar a mesma língua - formas de ajudar a si mesma a compreender sua família, a dividir com as mulheres da sua vida algo que era tão importante para ela. Não só perguntar, ela percebeu. Mas partilhar.

Essa era uma abordagem de aproximação, uma abordagem que mudava, principalmente, a forma como ela encarava a si mesma e as parentas. Era um abandono de uma perspectiva, que ela entendeu depois, de hierarquização. Em outras palavras: Adora estava mesmo ficando metida!

À princípio, ouvir a avó falando que estava ficando metida fez com que o coração de Adora apertasse, e que uma raiva quente lhe percorresse as veias. Tinha vontade de

rebater, de se defender. Mas então, muitas semanas depois, ainda sentindo aquela dorzinha no peito, percebia que aquela fala da avó lhe abria novas formas de existir. Tratava-se de um mal-entendido promissor, que "em outros termos, é uma proposição que, da maneira pela qual ela se propõe, cria a ocasião para uma nova versão possível do acontecimento." (Despret apud MORAES, 2010, p.29). Era como ouvir de verdade o que a avó estava dizendo, ser atravessada pelas palavras, prestar atenção e se deixar afetar. "Metida" tomava outros contornos, significava outras coisas.

Adora estava ficando metida aos olhos de Dona Rita. E a mulher não falava isso pelo prazer de incomodar a neta. Falava isso porque Adora agora agia como se tivesse entre as mãos uma grande luz com a qual iluminaria os outros. Mas, com aquele insight, e se a gente for continuar com a metáfora da luz, não era como se Adora tivesse uma lanterna nas mãos, mas uma vela cujo pavio queimaria também a partir da luz dos outros, da partilha do fogo. Essa foi uma analogia muito brega, né? Mas enfim, o importante é você entender.

Sentada no sofá, diante da TV e do casal de apaixonados que se beijava na tela, a menina entendeu que só se aproximaria novamente da família se entendesse que tinha algo a aprender com as parentas também. Se reconhecesse, para além do discurso, que elas eram exemplos de força e resiliência, e que suas experiências, bem como suas expectativas, seriam essenciais para moldar o pensamento e a ação feminista.

Adora ficou matutando aquilo por um tempo, mas as coisas só foram tomar contorno mesmo umas semanas depois, quando para um trabalho de fim de período na faculdade, Adora precisou entrevistar mulheres da mesma faixa etária que sua mãe, tias e primas. A professora alertou ao grupo que eles tomassem cuidado ao realizar a entrevista.

— É muito fácil — dissera a professora —, tomar o outro como ignorante e ocupar um espaço de sabe tudo ao realizar uma entrevista para os trabalhos de faculdade. Vamos tentar fazer essa entrevista de outro lugar, ok?

A fala da professora foi como uma sirene para Adora. Para ilustrar o que estava dizendo, a professora indicou um texto da pesquisadora Marcia Moraes, que conceituou o termo "PesquisarCOM", ao que ela disse tratar-se "de afirmar a pesquisa como uma prática performativa que se faz com o outro e não sobre o outro. [...] O pesquisar com o outro implica uma concepção de pesquisa que é engajada, situada." (2010, p. 42) No PesquisarCOM, parte-se da ideia de "interpelar o outro não como sujeito dócil, como um sujeito qualquer, mas antes, como um expert, como alguém que pode conosco formular

as questões que interessam no campo." (p.42) Ter conhecimento dessa forma de abordagem, e entendê-la para além de uma metodologia, mas também como prática e vida, fez com que Adora finalmente começasse a ver uma janela nos muros da academia.

Para realizar o trabalho de fim de período, Adora realizou uma série de entrevistas semiestruturadas realizadas via telefone em função da pandemia da covid-19 no ano de 2020. No espírito de se aproximar mais daquelas mulheres, Adora percebeu que ao ouvi-las atentamente, permitia que uma rede de apoio se elaborasse em volta dessas entrevistas. Em geral, as entrevistas foram divididas, mesmo sem querer, em dois momentos: no primeiro em que as mulheres se abriam e dividiam o peso da ansiedade e do medo no contexto de pandemia e quarentena, e num segundo, no qual elas respondiam às perguntas de Adora sem fazer conexão com o momento histórico-político-social de pandemia.

O questionário semiestruturado foi pensado a partir do interesse de entender a compreensão que essas mulheres tinham a respeito do feminismo. Não com a intenção de testar conhecimentos ou de classificá-los, mas sim de destrinchá-los, trazendo para o debate suas percepções sobre o movimento feminista.

No total, Adora entrevistou seis mulheres. Dentre as entrevistadas, duas exerciam atividade remunerada em tempo parcial e quatro eram aposentadas. Todas com renda equivalente a de classe média (JUSBRASIL, 2012), com ensino superior cursados em instituições particulares entre as décadas de 1970 e 2000. Dessas seis mulheres, quatro se consideravam brancas e duas se consideravam negras. Na faixa etária de "50 anos ou mais", todas já eram mães, sendo três delas avós. Um perfil, Adora percebeu, muitíssimo parecido com o de suas parentas.

Os critérios de inclusão para a entrevista eram: (a) se identificar como mulher e (b) nunca ter cursado ensino superior ou estar afastada há 10 anos ou mais do ambiente acadêmico.

O grupo de Adora seguiu acompanhando as apostas metodológicas de Grada Kilomba em "Memórias da Plantação" (2019), de forma que o trabalho seguiu rastros de uma forma de fazer pesquisa centrada no sujeito e no *study up*, isso é, formas de investigar "membros do seu próprio grupo social, ou pessoas de status similares, como forma de retificar a produção constante do status quo dentro da produção de conhecimento" (p. 82). Segundo a autora, essa forma de pesquisar apresenta condições ideais para relações não hierárquicas entre pesquisadoras e entrevistadas, possibilitando a produção de um conhecimento a partir de relações de poder mais igualitárias. Para a realização das entrevistas, foram enviados alguns convites, via mensagem online, para mulheres que se

encaixavam nos critérios de inclusão. O grupo, que em certo momento se preocupou em não ter entrevistadas o suficiente, ficou positivamente surpreso quando, a partir das entrevistas, as próprias participantes indicavam amigas, conhecidas, colegas de trabalho que achavam que se interessariam pelo tema. A parte curiosa, pensou Adora é que, em momento algum, foi solicitado a essas mulheres alguma indicação, mas partia de uma total espontaneidade. Isso, refletiu a menina com seus botões, era o indicativo para alguma coisa. Era indicativo de que aquele espaço estava sendo acolhedor, enriquecedor e mais que isso, era indicativo de que Adora era capaz de promover um espaço de diálogo com aquelas qualidades.

As questões levantadas naquelas entrevistas ficaram ressoando muito em Adora. As mulheres falaram sobre violência doméstica, salários, responsabilidade com as crianças, acesso aos estudos, emancipação e independência. Coisas que, Adora percebeu depois, eram preocupações e assuntos de interesse também das suas parentas.

Algumas semanas mais tarde, Adora foi acordada pelo som de uma gargalhada. Antes mesmo de abrir os olhos, já sabia que suas parentas todas se reuniam na cozinha. Com o tempo, Adora percebeu que todas faziam um esforço para ir visitá-la sempre que ela ia passar o fim de semana na casa da mãe. Perceber isso, enchia seu coração de ternura. Afinal, ainda que estivesse ficando metida, ainda era querida. Esse pensamento fez com que ela abrisse os olhos e o sorriso ao mesmo tempo. Conferiu a hora no celular: 9:47h. Um horário tão bom quanto outro qualquer para atacar o patriarcado.

Lavou o rosto e prendeu o cabelo antes de entrar na cozinha.

— Bom dia! — disse ela, ao que recebeu de volta os vários "bons dias."

Beijou a cabeça da avó, abraçou a madrinha e em seguida, Valentina, sua priminha de quatro anos, correu para se agarrar às suas pernas.

— Bom dia, *Adola*!

Adora ainda tinha Valentina nos braços quando começou a ficar a par das fofocas.

— Eu só sei que a coisa foi terrível — disse Tia Su —, ela apareceu lá no plantão de madrugada, a cara toda inchada, o pescoço roxo, nariz sangrando…

Ao ouvir o relato de Tia Su, todas na cozinha entoaram algum tipo de murmúrio ou som de dor e solidariedade.

— Todo mundo entendeu na hora o que tinha acontecido.

— Como que vocês sabiam? Ela podia ter sido assaltada.

— Tinha a marca dos dedos dele no pescoço dela. Certinho aqui ó. — Tia Su posicionou as mãos no próprio pescoço para ilustrar. — A médica perguntou se ela queria

fazer exame de corpo delito, se queria dar queixa, que a equipe do hospital daria suporte, mas ela não quis.

— Não quis? — perguntou Patrícia. — Fica protegendo o homem ainda.

— Não é tão simples assim, Patrícia — disse Linda, a mãe de Adora. — Ela não trabalha fora, depende financeiramente dele, ainda tem os filhos… Como é que sai de casa?

— Ah, tia, mas é pra isso que tem a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006) — disse Ângela. — Pra ajudar nessas situações.

— Ajuda, mas não é fácil. Ela não conseguir dar queixa do marido não é culpa dela também. É uma situação difícil.

— Será que tem alguma coisa que a gente pode fazer para ajudar? — perguntou Tia Ninha.

— Não sei. Não dá para chegar perguntando, né? Ela vai se sentir exposta, vai ficar com vergonha… — disse Wanda.

— Ai que ódio! Ele que deveria sentir vergonha! — disse Júlia.

Isso surpreendeu Adora. Júlia quase nunca falava.

As mulheres da família continuavam a conversa, suas opiniões se dividindo sobre a denúncia. Adora prestava bastante atenção. As parentas estavam atentas sobre a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), sobre a assistência que a lei prestava às mulheres e também sobre as dificuldades de colocá-la em prática. Enquanto a conversa corria, Adora ia percebendo que a violência contra a mulher era um assunto que mobilizava as mulheres na cozinha. De alguma forma, todas mostravam empatia para com a mulher, inclusive, pensavam em conjunto se teria alguma coisa que poderiam fazer para ajudar a vítima de agressão. Enquanto secava as louças que estavam no escorredor, Adora ia percebendo que àquilo, dava o nome de Dororidade (Piedade, 2019).

— É por essas e outras que eu falo pra Mabel que tem que estudar e trabalhar para não depender de homem nenhum — disse Wanda.

Mabel suspirou.

— Independência é tudo — concordou Tia Ninha. — A mulher começou a trabalhar fora de casa, cada dia ganha melhor, chega a cargos altos no trabalho… É isso mesmo.

— A gente vê que as nossas amigas da escola que não fizeram faculdade ou trabalharam fora de casa passaram por poucas e boas nas mãos dos maridos, né Linda? — disse Tia Su.

— É, sofreram mesmo… — concordou Linda.

— A luta das mulheres foi essencial — completou Tia Ninha.

Era a primeira vez que Adora ouvia a mãe, as tias e as primas se referindo à "luta das mulheres." Será que dava para traduzir "luta das mulheres" para "feminismo" no vocabulário de Adora? E por mais surpresa que estivesse em ouvi-las comentando sobre "a luta das mulheres", ainda achava previsível que a única vez em que isso acontecia, era num contexto ligado à independência financeira. Adora achava previsível pois lembrava-se do livro bell hooks (2019), no qual a autora fala que as pautas do movimento feminista que ficaram populares foram aquelas ligadas ao liberalismo, como a independência financeira, chances no mercado de trabalho, equidade salarial etc. Mas mesmo assim, do lugar que ocupava, ainda sentia uma pontadinha de calor no coração. Afinal, a família estava falando de temas relacionados a luta feminista e isso era, pelo menos, um começo.

— Não tem outro jeito de se livrar desse sistema — disse Linda.

— Sistema? — perguntou Adora.

— É, esse sistema machista que fica diminuindo mulheres.

"Sistema machista"? Calma aí, um sistema machista que diminui mulheres? Rá! Adora conhecia isso como patriarcado.

— E também não pode engravidar antes da hora, — Wanda disse na direção de Mabel em tom sombrio, entre o aviso e a ameaça. — senão já era.

— *Mãe!* — Mabel parecia querer cavar um buraco e se enterrar.

— O que foi? Eu já te avisei. Eu não vou criar neto.

— Ah, eu falo isso para Adora também.

Adora e Mabel trocaram olhares horrorizados. A última coisa que queriam era que a família discutisse suas vidas sexuais.

— Até porque homem não cria filho — disse Ângela apontando para Valentina que brincava no chão. — Era para o pai ter pegado esse fim de semana. Cadê?

— Ué, e você não trabalha hoje à noite?

— Pois é, Vó. Trabalho — suspirou Ângela. — Mamãe disse que cuida dela pra mim, mas já tive que trocar vários turnos com minhas amigas por causa dessa palhaçada.

— Desse jeito, nunca vai ser promovida... — disse Dona Rita.

— Eu sei, vó. Mas vou fazer o quê? E o bonitão tá lá, já virou gerente na loja dele. Mas pergunta se aumentou a pensão?

— Eu tenho certeza que queriam me demitir quando eu engravidei — disse Tia Su. — Sorte que a lei não deixa. Depois tive que ralar para caramba, sempre arranjando gente para ficar com as meninas...

— Não tem jeito — disse Dona Rita. — É a gente que engravida, é a gente que fica com a responsabilidade das crianças.

— Ah, mas não deveria ser assim! Não fiz sozinha, por que eu deveria tomar conta sozinha?

— É tudo muito injusto mesmo, — concordou Linda. — O tanto de coisa que a gente abre mão, o cansaço que a gente fica, o corpo não é mais o mesmo...

Adora lembrou-se subitamente do artigo de Joan Scott (1990), no qual Firestone teorizava que a "libertação das mulheres viria das transformações na tecnologia de reprodução, que poderia no futuro próximo eliminar a necessidade do corpo das mulheres como agentes de reprodução da espécie" (s/n). O que feministas conhecidas mundialmente estavam dizendo era a mesma coisa que suas parentas diziam naquela cozinha abafada, todas identificando a gravidez e a responsabilidade com a criança como um ponto sensível na luta por igualdade.

— Engravidar é uma armadilha amarga — disse Adora, lembrando-se do termo utilizado por Mary O'Brien.

— É…

Por um segundo, todas as mães da sala balançaram a cabeça em concordância.

— Mas também é lindo. Não existe nada maior que amor de mãe.

— Ter um filho é uma benção.

— Você só vai saber quando tiver os seus.

— Mas não agora! Não é pra ter filho agora! — emendou Linda.

Adora começou a rir.

Naquela noite, quando estava sozinha no quarto se preparando para dormir, Adora ficou repassando a conversa da cozinha. Sentia-se estranhamente esperançosa. Diferente das outras vezes, não sentiu o tom de raiva nas mulheres, não sentiu que estava falando outra língua, nem que havia uma parede entre elas. Pelo contrário, começou num exercício de tradução, identificando conceitos nas falas, mas depois só passou para um lugar de partilha, um lugar de quem compreendia aquelas dores. De alguma forma estranha, perceber que suas parentas também sentiam as dores da opressão, fazia com que Adora se sentisse mais conectada a elas.

De qualquer forma, o que é importante para nós nesse momento da história, é perceber a potência dos elementos que aparecem, e o que eles fazem fazer. Se em algum momento o encontro de Adora com a família produzia afastamento e estranheza, naquele momento atual, enredada com outros elementos, Adora sentia que o encontro a aproximava das familiares. A partir desse momento, outras possibilidades se desenrolavam para a menina.

Quando repassava a conversa na cabeça, percebia que os assuntos abordados pela família eram relacionados aos desdobramentos de políticas públicas de gênero ou para mulheres. A Lei Maria da Penha (Brasil, 2006) e a legislação para garantia de estabilidade da gestante (Brasil, 2013) eram apenas alguns dos exemplos que tinham surgido na conversa, mas na ponta da língua, Adora conseguia lembrar de muitos outros exemplos. A Lei das Eleições (Brasil, 1997), a criminalização do assédio sexual (Brasil, 2001), a qualificação do feminicídio como homicídio qualificado (Brasil, 2015) e Lei da Importunação Sexual (Brasil, 2018).

Além disso, a questão da independência financeira das mulheres, que foi tão martelada na conversa, não era algo ignorado pelas políticas governamentais. E com razão. Ainda que Adora concordasse com bell hooks (2019) sobre a popularização de pautas feministas liberais, ela também sabia que a preocupação com a independência financeira não era algo descontextualizado no Brasil. Afinal,

> em 1989, as famílias chefiadas por mulheres com filhos menores de 14 anos correspondiam a 58% das famílias com rendimento mensal até meio salário mínimo per capita. Dados de 1994 revelam que, enquanto o desemprego masculino era de 6,7%, o desemprego feminino atingia 13,9%. Acrescente-se que parte significativa das mulheres que ingressam no mercado de trabalho vai para o setor informal, onde estas não têm acesso a garantias trabalhistas e à previdência social. (Farah, 2004, p.55)

Em algum momento, e Adora nem sabia dizer em qual, ela tinha lido sobre o fenômeno chamado de "feminização da pobreza" ou "pauperização das mulheres", que é a percepção a partir da qual compreende-se que as mulheres - principalmente as mulheres negras, as mães solteiras e as chefes de família - sofrem mais com o desemprego, com baixos salários e informalidade trabalhista que os homens. (Farah, 2004)

Adora sabia da existência de algumas diretrizes que se debruçavam sobre esse tema, como por exemplo, faz parte das diretrizes das políticas governamentais dar prioridade para as mulheres em todo plano de combate a pobreza no Brasil, fazendo dessa

população específica o alvo principal de suas ações. Tudo isso era exemplo de legislações que tinham como intuito proteger as mulheres. Mulheres como Adora, mas também mulheres como Linda, Dona Rita, Tia Su, Tia Ninha, Mabel, Júlia, Valentina. Todas eram, de alguma forma, amparadas pelas leis.

Será que era ali, nesse pontinho de articulação, que era possível fazer ver que aquelas mulheres também eram o sujeito do feminismo?

Adora estava finalmente aprendendo que tornar-se feminista não era um processo de salvação ou de iluminação. Pelo contrário, era um processo contextualizado, situado e localizado, que toma contornos nos encontros e na partilha. O que fazer então com as novas possibilidades? Ainda que aquele domingo tenha representado um grande avanço na relação Adora-família e suscitado muitas reflexões, não significava o fim dos problemas ou a resposta para as perguntas. A menina adormeceu naquela noite com a estranha sensação de que teria que ficar com o problema[9] (Haraway, 2019) por um pouco mais de tempo.

[9] Esse conceito, trabalhado por Haraway (2019), diz respeito a uma perspectiva de que nem sempre é necessário compreender toda a extensão de uma questão, ou ainda, de que não existem saídas fáceis para problemas complexos. Haraway fala de um lugar do qual ficar com o problema não é sinônimo de se manter dormente a ele, mas de reconhecê-lo – e, sem perdê-lo de vista, trabalhar em prol de uma mudança ativa de comportamento e pensamento.

Referências bibliográficas

ALVES, Camila. *Deficiência Visual e Capacitismo.* 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9xCsekzo39U> Último acesso: 27 de abril de 2021.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos.* Ed. Nova Fronteira. 3ª edição. Rio de Janeiro, 2016

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida.* Ed. Nova Fronteira. 3ª edição. Rio de Janeiro, 2016

BRASIL, Casa Civil. (1997) Lei Nº 9.504, de 30 de setembro de 1997. *Estabelece normas para eleições.* Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9504.html

BRASIL, Secretaria Geral. (2006) Lei Nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. *Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências*. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm

BRASIL, Casa Civil. (2001) Lei Nº 10.224, de 15 de maio de 2001. *Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para dispor sobre o crime de assédio sexual e dá outras providências.* Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10224.htm

BRASIL, Secretaria Geral. (2015) Lei Nº 13.104, de 09 de março de 2015. *Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos.* Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm

BRASIL, Casa Civil. (1943) Lei Nº 5.452 de 1º de maio de 1943. *Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho.* Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm

BRASIL, Secretaria Geral. (2018) Lei Nº 13.718, de 24 de setembro de 2018. *Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar os crimes*

de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro, tornar pública incondicionada a natureza da ação penal dos crimes contra a liberdade sexual e dos crimes sexuais contra vulnerável, estabelecer causas de aumento de pena para esses crimes e definir como causas de aumento de pena o estupro coletivo e o estupro corretivo; e revoga dispositivo do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais). Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13718.htm

BRUNO, Fernanda. *Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BUTLER, Judith. *Problemas de ĝenero: feminismo e subversão da identidade.* Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2003.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.* São Paulo: Editora Elefante, 2017.

HARAWAY, Donna. *Colóquio Internacional Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra.* 2014 Disponível em <https://youtu.be/1x0oxUHOlA8> Último acesso em 23 de abril de 2021.

HARAWAY, Donna. *Seguir con el problema - Generar parentesco en el Chthuluceno*. Edición Consonni, Bilbao, 2019.

HINE, Christine *Etnografia Virtual. Coleção Nuevas Tecnologias y Sociedad.* Editorial UOC, 2000.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.* Ed. Rosa dos Ventos. 7ª edição. Rio de Janeiro, 2019.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra.* Ed. Elefante. São Paulo, 2019.

IBGE. *Uso de internet, televisão e celular no Brasil.* 2019. Disponível em <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html> Último acesso em: 27 de abril de 2021.

JUSBRASIL. *Parte da classe alta quer ser vista como classe média. 2012* Disponível em <https://crc-se.jusbrasil.com.br/noticias/100487532/parte-da-classe-alta-quer-ser-vista-como-classe-media-diz-sae> Último acesso em 27 de abril de 2021.

Kilomba, G. (2019) *Memórias da Plantação - Episódios de racismo cotidiano.* Ed. Cogobó, 1ª impressão.

MORAES, M. A. Pesquisar COM: política ontológica e deficiência visual. In: Moraes, M. e Kastrup, V. (org.). *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa COM pessoas com deficiência visual.* Rio de Janeiro: Nau/Faperj, 2010, v.p.01-288.

MOVIMENTO DOWN. *Abuso sexual contra meninas e mulheres com deficiência – uma epidemia sobre a qual ninguém fala.* Acessível em <http://www.movimentodown.org.br/2019/02/abuso-sexual-contra-meninas-e-mulheres-com-deficiencia-uma-epidemia-sobre-a-qual-ninguem-fala/>. Último acesso em 22 de setembro de 2020.

SCOTT, Joan W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica.* Educação e Realidade, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990

PREDRO, Rosa. Tecnologias de vigilância e visibilidade em cena: algumas controvérsias. Revista Polis e Psique, Porto Alegre, RS, v. 4, n. 3, p. 51-79, dez. 2014. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/49856> Último acesso em: 29 de abril de 2021.

PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. Editora NOZ. São Paulo, SP. 2019

POLIVANOV, B. *Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos.* In: Esferas. Ano 2, no 3, Mato Grosso do Sul, 2013, pp. 61-71.

SANTOS, Flavia Martins dos; GOMES, Suely Henrique de Aquino. *Etnografia virtual na prática: análise dos procedimentos metodológicos observados em estudos empíricos em cibercultura.* 7º Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Cibercultura. 2013.

SANTOS, Maria Aparecida; OLIVA, Daianna; COSTA, Anaís. *Estudos CT&S em Artigos Contados Gamificação no Ensino da Ciência.* In: CTS em Foco n. 03, abr-jun 2021. P. 122-125.

ANEXO I

Mini Dicionário de Internautês

1. Facebook

Grupos: São espaços virtuais compartilhados. Normalmente unem pessoas em volta de um tópico em comum. Podem ser públicos ou privados. Se públicos, qualquer pessoa do Facebook pode ler, comentar e postar no grupo. Se privado, os usuários da rede precisam pedir autorização dos administradores para entrar e engajar no grupo.
Páginas: As páginas são abertas a comunidade do Facebook e costumam fazer postagens relacionadas a determinado tema.
Textões: Ficaram conhecidos como "textões" aqueles posts enormes no Facebook que tinham o intuito de militar ou falar eloquentemente sobre algum assunto social/político. Os textões costumam ser opinativos, mas também costumam trazer informações à respeito de algum assunto específico.
Feed: É o formato de organização dos dados comumente utilizado nas redes sociais. É o formato em display quando acessamos a página principal, onde as fotos, vídeos e postagens aparecem para que a gente interaja com eles.

2. Instagram

Seguidores: São aqueles que acompanham as postagens de um perfil. Quando se é seguidor, você receberá as postagens daquele perfil no seu feed. Ou seja, quando um perfil postar uma foto/story, você verá no seu feed.
Perfil: No Instagram, os perfis podem ser privados ou públicos. Os perfis privados só podem ser acessados com a permissão do administrador, ou seja, se eu sou a dona do perfil, tenho que autorizar que uma pessoa me siga ou não. Já os perfis públicos podem ser seguidos por qualquer pessoa sem a autorização prévia do administrador.
Story: Essa ferramenta do Instagram na verdade se originou a partir de outro aplicativo, o Snapchat. Mas o Instagram incorporou e popularizou o uso em demais redes. Serve para mostrar de forma mais dinâmica o que a pessoa está fazendo no momento. É como se fosse um mural que dura apenas 24h. É possível postar fotos, vídeos, fazer lives, usar filtros, marcar perfis.

Nome de usuário: cada perfil é identificado por um nome de usuário, que não é necessariamente o nome da pessoa. Não existem nomes de usuário iguais. Para acharmos/marcamos um perfil, é necessário colocar um "arroba" (@) na frente. Por exemplo, a personagem principal se chama Adora. Seu nome de usuário é "ado.rah_", para marcá-la em uma publicação ou achá-la no Instagram, devemos escrever "@ado.rah_".

3. Twitter

Post: são parecidos com os posts de todas as outras redes sociais, com a especificidade de que cada post pode conter, no máximo, 280 caracteres com espaço, vídeos de 2min20s e 4 fotos.
Fio: como os posts no Twitter têm um número muito limitado de caracteres, às vezes, para falar sobre algum assunto específico, os usuários fazem um fio. Ou seja, uma série de posts seguidos, que se conectam um com o outro, sobre o mesmo tema.
Hashtag: também associada ao símbolo de "jogo da velha" (#), é uma forma de marcador. Permite que assuntos sejam categorizados através do mesmo mecanismo de procura através de palavras-chave.

4. Gírias e modos de se comunicar

Tiu (~): Num geral, as redes sociais não permitem que palavras sejam grifadas ou marcadas de alguma forma. Então, para ênfase, alguns usuários colocam as palavras entre "~".
Asterisco (*): Esse símbolo adquire muitos sentidos, mas os principais são para dar ênfase em uma palavra, entrar como nota de rodapé, e censurar determinadas palavras.
Bloq: É abreviação de bloquear. Trata-se de uma ferramenta nas redes sociais através da qual pode-se restringir a interação entre partes. "Dar bloq" significa bloquear a pessoa.

ANEXO II

Personagem principal



Adora/She-ra

Personagens principais do desenho animado “She-ra e As Princesas do Poder”, Netflix. (2018-2020)

Adora é uma soldado dissidente de um exército fascita. Ao dar-se conta das intenções malignas do exército que a criou, ela foge para se unir à rebelião. Em seu caminho, encontra a espada de Grayskull e descobre que é a escolhida para levar paz para o seu planeta. Quando interage com a espada, torna-se She-ra, um ser poderoso, com super força e habilidades de combate. Ela dá nome à personagem principal por causa de sua resiliência, princípios e senso de humor.

ANEXO III

Roteiro para entrevistas semi-estruturadas com mulheres participantes do grupos online selecionados

Como é, para você, participar de grupos online de mulheres?

Quais temas você mais vê reverberando nos grupos e como ele reverbera em você?

Você lembra de alguma discussão que tenha tido um caráter instrutivo na sua vida?

Você formou laços de amizade com alguma outra mulher através dos grupos online?

Por qual meio de comunicação você mais tem acesso a informações de caráter feminista?

Você sente que os grupos que você participa são grupos acolhedores?

Tem alguma reflexão que você começou a elaborar a partir de postagens nos grupos?

Participar desses grupos e desses debates agrega algo na sua vida?

Você sente que as questões que emergem no espaço online refletem nas suas ações e relações no espaço offline?

ANEXO IV

Vídeo de Defesa da Dissertação de Mestrado

É importante contextualizar que esse trabalho foi redigido e apresentado no contexto de pandemia mundial do COVID-19. Portanto, a defesa, bem como a qualificação antes dela, foi realizada online via plataforma ZOOM. Quando eu entrei no Mestrado nos idos anos de 2019 (antes da pandemia mergulhar o mundo em luto), já desejava que a minha defesa fosse um ambiente mais aconchegante e descontraído. Até então, eu nem imaginava os rumos que a minha escrita ia tomar.

Enquanto desenvolvia o meu texto, passando por um desafiador processo de escrita, fui tendo a certeza que, mesmo online, eu gostaria que o momento da defesa fosse de leveza, descontração. E que, principalmente, subvertesse pelo menos um pouquinho um modelo tradicional de defesas, afinal, o meu texto brincou com essa subversão do início ao fim.

Dessa forma, coloquei todo mundo a minha volta para pensar comigo. O que fazer para trazer os tons do texto para a apresentação? Como manter a apresentação divertida, mas ao mesmo tempo com rigor acadêmico? Como eu poderia inovar sem perder de vista que aquele era um momento importante e de seriedade? Entre meus amigos e familiares, muitas ideias surgiram: leitura, narração, podcast, desenhos, teatro de sombras, até que chegamos a ideia final do vídeo. Não qualquer vídeo. Mas um vídeo que imitasse uma youtuber.

Mas como fazer um vídeo? Não tinha nenhuma experiência na frente de câmeras, nem equipamento e nem conhecimento para editar vídeos. Aqui entra em cena uma pessoa essencial nesse processo: Álvaro Machado. Meu amigo da época de escola, Álvaro é formado em comunicação pela ESPM, e com sua paciência e confiança infinita, segurou na minha mão e falou: “a gente consegue!” e eu acreditei.

Com o aval e incentivo da Marcia Moraes, que durante todo esse processo nunca me impediu de sonhar e nem podou minhas asas, comecei a feitura do vídeo.

Primeiro escrevi um roteiro, um texto que resumia bastante o trabalho, bem como fazia associações com memes e referências da cultura pop. Depois, comecei a buscar na internet os tais memes, trechos dos vídeos e imagens que também seriam usadas. Com

tudo isso separado, estava na hora de encontrar Álvaro para começarmos a filmar. Ele mora em São Paulo e eu no Rio de Janeiro, mas nos encontramos em Rio Bonito, nossa cidade natal no interior do Estado do Rio de Janeiro. Eu levei os itens que iam compor o cenário, e Álvaro levou todo seu equipamento, entre eles a câmera, o microfone, o ring light, o notebook.

Quando começamos a gravar, eu estava muitíssimo travada. Não conseguia falar nem uma frase sem gaguejar, errar ou parecer um robô. Por causa disso, levamos muitas horas na gravação, aproximadamente 3h. Mas, não só eu estava me mostrando uma péssima atriz, como as intercorrências apareciam o tempo todo. O cachorro do vizinho começou a latir e assim permaneceu por uns 40 minutos (é possível ouvi-lo em alguns momentos do vídeo), a gata da minha mãe apareceu na janela miando, eu senti calor e liguei o ventilador, depois tive que regravar toda a cena porque o barulho do ventilador era horrível na gravação etc.

Foi assim que, ao passar de 3h, quando eu disse a última frase, eu e Álvaro decidimos fazer uma pausa. Vamos comer alguma coisa, beber alguma coisa, dirigir pela cidade, conversar... Eu precisava relaxar um pouquinho. E assim foi feito. E foi a melhor coisa. No início da madrugada, decidi que estava pronta para fazer mais uma gravação, mas dessa vez, sem roteiro. "Na fé e na coragem", como eu disse a Álvaro. E foi ótimo. Descontraída, sem roteiro e sem muitas intercorrências, a gravação da madrugada durou apenas uma hora e rendeu muitos erros de gravação engraçados.

No dia seguinte, eu e Álvaro nos encontramos para começar o processo de edição de vídeo. A edição demorou muito tempo. Até porque nós dois estávamos aprendendo a mexer no programa, o FILMORA. Primeiro assistimos as duas gravações, separamos qual parte de cada uma utilizaríamos (foi bom ter duas gravações porque pudemos mesclar as duas, e um detalhe engraçado é que para a segunda gravação, eu esqueci de recolocar os meus anéis, então é possível saber qual parte do vídeo é de qual gravação pelas minhas mãos), depois começamos a montar na ordem, a fazer os cortes necessários, a incluir os memes, os vídeos, as imagens. E sempre tendo em mente que o vídeo precisava ser o mais acessível possível, essa parte que era essencial para mim e foi devidamente assinalada pela minha orientadora, não seria um apêndice no vídeo, mas parte essencial dele.

A construção nos forçou a sermos inventivos, persistentes, pacientes e cuidadosos. Levamos uma semana para completar o vídeo. Ao final, além de nós dois, o vídeo tomava

forma sendo um esforço coletivo de amigos e família. Contei com a voz da minha irmã, Beatriz D'Oliveira, para narrar; com a voz da minha mãe, Dilcimar D'Oliveira, para dublar um vídeo da Donna Haraway; com as habilidades artísticas da minha amiga, Raquel Quintão, para preparar as imagens; e com a assessoria de diversas outras pessoas no processo.

O vídeo chegou na dissertação na melhor forma que ele poderia chegar e como produto de muito esforço coletivo. Ainda assim, ele chega faltando recursos de acessibilidade como legenda e interpretação em libras.

Para acessar o vídeo da apresentação:

https://drive.google.com/file/d/18noSvYdnL65YTpGi_bkcuxl_JsajqxQt/view?usp=sharing



Dia da Gravação e Edição de vídeo no FILMORA.



Eu e Álvaro no dia em que ele me disse que era possível fazer o vídeo. Durante o processo de filmagem e edição não tiramos nenhuma foto nossa.